



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
Programa de Pós-Graduação em Geografia

**A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS DO ENSINO
FUNDAMENTAL I, A PARTIR DO ATLAS ESCOLAR MUNICIPAL
DE TRINDADE (GO)**

Discente: Karine Araújo e Silva

Orientadora: Prof^a. Dr^a Míriam Aparecida Bueno

Goiânia, 2014.

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Karine Araújo e Silva		
E-mail:	Karine_asilva@hotmail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
Vínculo empregatício do autor	Professora da SEDUC - GO		
Agência de fomento:	FAPEG	Sigla:	FAPEG
País:	Brasil	UF:GO	CNPJ: 08.156.102/0001-02
Título:	A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL I, A PARTIR DO ATLAS ESCOLAR MUNICIPAL DE TRINDADE (GO)		
Palavras-chave:	Lugar; Cartografia; Ensino Fundamental; Atlas Escolar Municipal; Formação de Professores		
Título em outra língua:	LA FORMACIÓN CONTINUADA DE PROFESORES DE LA ENSEÑANZA FUNDAMENTAL I, A PARTIR DEL ATLAS ESCOLAR MUNICIPAL DE TRINDADE (GO)		
Palavras-chave em outra língua:	Lugar; Cartografía; Enseñanza Fundamental; Atlas Escolar Municipal; Formación de Profesores		
Área de concentração:	Natureza e produção do espaço		
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	30/04/2014		
Programa de Pós-Graduação:	Programa de Pós-graduação em Geografia (IESA)		
Orientador (a):	Míriam Aparecida Bueno		
E-mail:	miriam.cerrado@gmail.com		
Co-orientador (a):*			
E-mail:			

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do (s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Karine Araújo e Silva
Assinatura do (a) autor (a)

Data: ____ / ____ / ____

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Karine Araújo e Silva

A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS DO ENSINO
FUNDAMENTAL I, A PARTIR DO ATLAS ESCOLAR MUNICIPAL
DE TRINDADE (GO)

Discente: Karine Araújo e Silva

Orientadora: Prof^a Dr^a Míriam Aparecida Bueno

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Natureza e produção do espaço.

Linha de pesquisa: Ensino-aprendizagem em Geografia.

Goiânia, 2014.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)

S586f Silva, Karine Araújo e.
A formação continuada de professoras do Ensino Fundamental I, a partir do Atlas Escolar Municipal de Trindade (GO) [manuscrito] / Karine Araújo e Silva. - 2014. 85 f. : il., figs, tabs.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Míriam Aparecida Bueno.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, 2014.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras, abreviaturas, siglas e tabelas.

Anexos.

1. Cartografia – Ensino fundamental. 2. Cartografia – Estudo e ensino. 4. Geografia – Formação de professores. I. Título.

CDU: 373.3:528.9



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: NATUREZA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
Karine Araújo e Silva**

Aos trinta dias do mês de abril do ano de dois mil e quatorze (2014), a partir das 09h e 00min, no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, teve lugar a sessão de julgamento da Dissertação de Mestrado de Karine Araújo e Silva, intitulada "A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I, A PARTIR DO ATLAS ESCOLAR MUNICIPAL DE TRINDADE". A Banca Examinadora foi composta, conforme Portaria n.º 033/2014 da Diretoria do IESA, pelos seguintes Professores Doutores: Profa. Dra. **Miriam Aparecida Bueno** (Presidente), Prof. Dr. **Ivanilton José de Oliveira** (membro titular interno) e Profa. Dra. **Andrea Coelho Lastória** (membro titular externo). Os examinadores arguíram na ordem citada, tendo a candidata respondida satisfatoriamente. Às 12:30 horas a Banca Examinadora passou a julgamento, em sessão secreta, tendo a candidata obtida os seguintes resultados:

Profa. Dra. Miriam Aparecida Bueno (Presidente) – Ass. M. Bueno

Aprovado(a) Reprovado(a) ()

Prof. Dr. Ivanilton José de Oliveira – Ass. Ivanilton José de Oliveira

Aprovado(a) Reprovado(a) ()

Profa. Dra. Andrea Coelho Lastória – Ass. Andrea C. Lastória

Aprovado(a) Reprovado(a) ()

Resultado final: Aprovado(a) Reprovado(a) ()

Houve alteração no Título? Sim Não ()

Em caso afirmativo, especifique o novo título: A formação continuada de professoras do Ensino Fundamental I, a partir do Atlas Escolar Municipal de Trindade (GO)

Outras observações: _____

Reaberta a Sessão Pública, o(a) Presidente da Banca Examinadora proclamou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata, que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Secretária do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Secretaria.....

Daiene Cristina Pereira Dionizio
Assistente Administrativo IESA/UFG
SIAPE: 2072165

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha amada mãe Neyde Maria, que não mediu esforços em me apoiar, auxiliar, ouvir, amparar, e sobretudo exemplificar com o seu esforço, como é árdua, porém recompensadora a caminhada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus, ‘causa primária de todas as coisas’.

À minha mãe Neyde, pelo amparo, educação, exemplo de luta, incentivo ao estudo e à pesquisa. Obrigada por acreditar em mim, e por ser minha fortaleza.

Ao meu pai, por me favorecer a oportunidade de estudar. Obrigada pela generosidade e pelo amor incondicional. Sou imensamente grata por tudo o que fez por mim. Muito obrigada.

Aos meus irmãos Karliene e Leonardo, pelo incentivo e por estarem ao meu lado durante toda a minha vida.

Ao amigo Ivamauro, por caminhar junto comigo, desde os tempos da graduação e partilhar os momentos de tensão, os de dúvida e principalmente os momentos de alegria.

À professora Míriam, por abrir caminhos para que este trabalho fosse realizado: pela orientação, pelos seus valiosos ensinamentos, pelo seu interesse associado ao seu conhecimento e pela disposição em me acompanhar desde a graduação.

À Janine Gisèle Le Sann, grande mestre dos Atlas Escolares Municipais, pela colaboração inestimável por meio das referências basilares desta pesquisa.

Ao meu parceiro da ciência, geógrafo Silvio, pela contribuição voluntária e cartográfica para a construção do Atlas Escolar Municipal de Trindade.

À Magda diretora da Escola Municipal Selma Ferreira dos Santos pelo apoio na realização dessa pesquisa e pelo auxílio nos encaminhamentos para a publicação do Atlas. À coordenadora Luana e às professoras Nílian, Elisabeth, Sirlene Alves, Patrícia, Greide, Sirlene Araújo, Suzy, Valdiná, Maria de Fátima, Isabel, Goiânia, Márcia dentre outras por participarem efetivamente da construção do Atlas Escolar Municipal de Trindade e pelo auxílio na aplicação das atividades com os alunos e no desenvolvimento do trabalho.

À Prefeitura Municipal de Trindade, especialmente à secretária municipal de Educação de Trindade, Prof^ª Eva Eny Junqueira e ao prefeito municipal de Trindade, Jânio Carlos Alves Freire (Janio Darrot), por apoiar e financiar a impressão e distribuição desse material para todas as crianças do 4º e 5 anos da rede pública de ensino de Trindade.

À Academia Trindadense de Letras, por apoiar e endossar a publicação do Atlas Escolar Municipal de Trindade.

Ao Luiz Carlos Ribeiro pelo auxílio na publicação e divulgação do atlas.

Ao Bento Fleury pela revisão voluntária do atlas.

Ao professor Ivanilton por ter participado de todas as fases da minha vida acadêmica e por sempre estar disposto a me auxiliar com seus conselhos e análise crítica. Obrigada a você e a professora Andrea, por se disponibilizaram a dedicar tempo e interesse na leitura, análise e discussão deste trabalho.

À Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais e Programa de Pós Graduação em Geografia pela contribuição na minha formação profissional, individual, crítica e reflexiva.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás - FAPEG. Agradeço esta instituição pelo apoio financeiro e pelo interesse nesse estudo.

Há muitas pessoas, órgãos e instituições a quem devo agradecer e que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho... Àqueles que embora não nomeados, me auxiliaram e me apoiaram em diferentes momentos, por meio da companhia e da presença afetiva, o meu reconhecido e carinhoso muito obrigado!

A vocês, a co-autoria deste trabalho.

RESUMO

A abordagem do conteúdo de Cartografia no ensino de Geografia muitas vezes é considerada pelos professores um assunto de difícil compreensão, acompanhado de muitas dificuldades em todos os níveis de ensino. Se os professores formados especificamente na área de Geografia enfrentam essa dificuldade, os professores formados em cursos de Pedagogia, que precisam lidar com a Cartografia no Ensino Fundamental I, enfrentam dificuldades ainda maiores. A Cartografia está presente no currículo, e é um dos eixos temáticos no qual se insere o estudo do lugar programado para o Ensino Fundamental, especificamente para os 4º e 5º anos. Como norteadores da elaboração dos conteúdos, estão presentes as considerações curriculares da LDB, dos PCN e do Currículo Referência da Rede de Educação do Estado de Goiás que, apesar de não serem obrigatórios para a prática docente, devem servir de referência para o professor organizar seu trabalho. As políticas públicas de Educação enfatizam a importância da abordagem espacial, local, nas primeiras séries da escolarização, porém o professor não conta com materiais didáticos que abordam a localidade, e os que existem representam, quase sempre, um espaço focalizado em diferentes realidades do país que não pertencem a identidade do educando. Este trabalho tem por objetivo analisar e contextualizar a prática docente de professores do Ensino Fundamental I, que atuam no ensino de Geografia na rede pública municipal, relacionando-a com a utilização do Atlas Escolar Municipal de Trindade como uma proposta de formação continuada de professores. Para alcançar esse objetivo colaboramos na elaboração do Atlas Escolar Municipal de Trindade, para permitir ao professor e aluno, perceber, representar e conhecer o espaço geográfico em que está inserido, numa visão curricular local, regional e contextualizada. As considerações finais indicam que o Atlas Escolar Municipal de Trindade, atendeu e supriu, de modo original e satisfatório a necessidade de material específico sobre o município, bem como instrumentalizou o professor, indo além da função pedagógica que se propunha, cuja proposta, promoveu o domínio teórico-crítico docente.

Palavras chaves: Lugar; Cartografia; Ensino Fundamental; Atlas Escolar Municipal; Formação de Professores;

RÉSUMEN

El abordaje del contenido de Cartografía en la enseñanza de Geografía muchas veces es considerada por los profesores un asunto de difícil comprensión, acompañado de muchas dificultades en todos los niveles de enseñanza. Si los profesores formados específicamente en el área de Geografía enfrentan esa dificultad, los profesores formados en cursos de Pedagogía, que necesitan trabajar con Cartografía en la Enseñanza Fundamental I, enfrentan dificultades aún mayores. La Cartografía está presente en el currículum, y es uno de los ejes temáticos en el que se insiere el estudio del lugar programado para la Enseñanza Fundamental, específicamente para los 4° y 5° años. Como norteadores de la elaboración de los contenidos, están presentes las consideraciones curriculares de la LDB, de los PCN y del Currículum Referencia de la Red de Educación del Estado de Goiás que, a pesar de no ser obligatorios para la práctica docente, deben servir de referencia para el profesor organizar su trabajo. Las políticas públicas de Educación enfatizan la importancia del abordaje espacial, local, en las primeras series de la escolarización, sin embargo el profesor no cuenta con materiales didácticos que abordan la localidad, y los que existen representan, casi siempre, un espacio focalizado en diferentes realidades del país que no pertenecen a la identidad del educando. Este trabajo tiene por objetivo analizar y contextualizar la práctica docente de profesores de la Enseñanza Fundamental I, que actúan en la enseñanza de Geografía en la red pública municipal, relacionándola con la utilización del Atlas Escolar Municipal de Trindade como una propuesta de formación continuada de profesores. Para alcanzar ese objetivo colaboramos en la elaboración del Atlas Escolar Municipal de Trindade, para permitir al profesor y alumno, percibir, representar y conocer el espacio geográfico en que está inserido, en una visión curricular local, regional y contextualizada. Las consideraciones finales indican que el Atlas Escolar Municipal de Trindade, atendió y suplió, de modo original y satisfactorio la necesidad de material específico sobre el municipio, bien como instrumentalizó el profesor, yendo más allá de la función pedagógica que se propuso, cuya propuesta, promovió el dominio teórico-crítico docente.

Palabras claves: Lugar; Cartografía; Enseñanza Fundamental; Atlas Escolar Municipal; Formación de Profesores;

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1 – Representações cartográficas do município no livro didático – 4º ano
- FIGURA 2 - Mapa da Região Metropolitana de Goiânia
- FIGURA 3 - Entrada da Escola Municipal Selma Ferreira dos Santos
- FIGURA 4 - Fluxograma esquemático referente ao conjunto de dados e procedimentos metodológicos envolvidos na produção dos produtos cartográficos.
- FIGURA 5 - Rosa dos ventos construída na oficina sendo aplicada em sala de aula
- FIGURA 6 - Realização da oficina de localização
- FIGURA 7 - Material distribuído na reunião com as professoras (Boneco do Atlas e mapas)
- FIGURA 8 - Mapa de localização de Trindade
- FIGURA 9 - O ciclo da água
- FIGURA 10 - Texto do livro didático “Transformações e problemas do espaço urbano”
- FIGURA 11 - Atividades da prancha de localização de Trindade
- FIGURA 12 - Atividades da prancha “Trindade em Goiás e no Brasil”
- FIGURA 13 - Mapa de Trindade em Goiás e no Brasil
- FIGURA 14 - Aluno lendo o mapa da Região Metropolitana de Goiânia
- FIGURA 15 - Professora escrevendo no quadro atividades do Atlas

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Abordagens sobre o lugar no livro didático do 4º ano - Unidade 1

QUADRO 2 - Abordagens sobre o lugar no livro didático do 5º ano – Unidade 3

QUADRO 3 - Conteúdos e expectativas de aprendizagem sobre a localidade no Ensino Fundamental I

QUADRO 4 - Importância da Geografia na formação dos alunos e importância de estudar o lugar

QUADRO 5 - Conteúdos, conceitos geográficos e possibilidades de ensino com o Atlas

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DATASUS - Banco de dados do Sistema Único de Saúde

FINEP - Financiamento de Estudos de Projetos e Programas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

LAPIG - Laboratório de Processamento de Imagens e Geoprocessamento

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

MEC - Ministério da Educação

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PNLD - Programa Nacional do Livro Didático

PROLICEN - Programa Bolsas de Licenciatura

RMG - Região Metropolitana de Goiânia

SIEGO - Sistema Estadual de Estatística e de Informações Geográficas de Goiás

SIG - Sistema Informativo Geográfico

SMV - Support Vector Machine

TIC - Tecnologias de Informação e de Comunicação

UFG - Universidade Federal de Goiás

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	1
RESUMO.....	3
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - O ESTUDO DO LUGAR NO ENSINO FUNDAMENTAL I: PERSPECTIVAS E ABORDAGENS METODOLÓGICAS.....	13
1.1 A importância do estudo do lugar no ensino de Geografia Escolar.....	16
1.2 A abordagem do estudo do lugar no livro didático.....	20
1.3 A Cartografia Escolar no estudo do lugar.....	25
1.4 O lugar vivido e a proposta dos <i>Atlas Escolares Municipais</i>	27
CAPÍTULO II - A TRAJETÓRIA DA PESQUISA: DA ELABORAÇÃO DO ATLAS À INTERVENÇÃO JUNTO ÀS PROFESSORAS.....	31
2.1 Investigação do grupo de professoras: identidades pessoais e profissionais.....	40
2.1.1 Formação inicial e continuada.....	42
2.1.2 O conhecimento da localidade e sua importância para o ensino de Geografia.....	43
2.2 Oficinas de formação: noções básicas de Cartografia para a formação continuada das professoras.....	45
CAPÍTULO III - A CONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS E O ATLAS ESCOLAR MUNICIPAL DE TRINDADE: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA.....	49
3.1 Caso de ensino 1 - “Trindade a capital da fé”.....	52
3.2 Caso de ensino 2 – O município de Trindade.....	56
3.3 Caso de ensino 3 – Meu lugar de moradia.....	59
3.4 Caso de ensino 4 – Prancha Localização de Trindade.....	63
3.5 Caso de ensino 5 – Orientação e localização.....	66
3.6 Caso de ensino 6 – Encontrando minha escola no mapa.....	68

3.7 Contribuições do Atlas para a formação continuada das professoras.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	77
ANEXOS.....	82

INTRODUÇÃO

Como importante categoria de análise da Geografia, o lugar é uma porção do espaço geográfico, carregado por experiências vividas, constituídas pelos objetos, ações e tempo. É, portanto, no lugar que o indivíduo forma o elo com o mundo, e nele também se desperta o sentimento de identidade e pertencimento com o espaço que vive cotidianamente.

O estudo do lugar faz parte dos conteúdos de Geografia programados para o Ensino Fundamental. As políticas públicas educacionais, constituídas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e Currículo Referência da Rede de Educação do Estado de Goiás, enfatizam que um dos objetivos do Ensino Fundamental na formação básica do indivíduo, é desenvolver a compreensão de seu ambiente natural e social, bem como o conhecimento do lugar e as transformações que nele vem ocorrendo durante o tempo.

No artigo 26 da LDB, consta que “os currículos do Ensino Fundamental e Médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada [...] por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela” (BRASIL, 1996). Os PCN destacam que “a paisagem local e o espaço vivido são as referências para o professor organizar seu trabalho” (BRASIL, 1998 p.87). Nesse sentido, o professor deve detalhar os lugares por meio do trabalho com imagens e da representação de lugares, tanto próximos como distantes.

A temática do espaço local é abordada dentro dos eixos temáticos: Relações Sociais, Cartografia e Natureza no 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I. Nestas séries o professor tem o papel de mediar o processo ensino-aprendizagem para capacitar o aluno a reconhecer os elementos que compõem o lugar e as relações ali estabelecidas. Contudo, o livro didático utilizado como apoio pedagógico nem sempre constitui o melhor instrumento para o ensino do espaço local, uma vez que o trata de maneira ‘padronizada’, de acordo com as abordagens e representações geográficas do eixo Centro-Sul do país. Nesse contexto, a realidade do aluno é ignorada e o lugar onde vive e conhece lhe é negada enquanto identidade.

Ao se deparar com tal instrumento, o responsável pelo ensino de Geografia no Ensino Fundamental poderia realizar um levantamento de materiais que abordem o lugar. E para isso, muitos recorreriam aos órgãos administrativos competentes, na busca de materiais como: plantas urbanas, informes e relatórios. Porém, como falta tempo ao professor, e conhecimentos necessários para utilizar materiais não-didáticos em sala de aula, muitas vezes

o lugar é tratado somente com o livro didático, o que resulta numa deficiência na compreensão e construção da noção de espaço pelo aluno.

Para o ensino de Geografia, especificamente para o ensino do espaço local, uma forma de trabalhar a localidade do aluno é por meio da Cartografia. São os mapas, que permitem desenvolver no aluno uma visão crítica daquilo que está representado.

Novamente consultamos os PCN, que abordam a Cartografia como *eixo temático* e importante instrumento na aproximação dos lugares e do mundo. A Cartografia é destacada como uma área necessária ao ensino da Geografia. No texto introdutório dos PCN, sobre aprender e ensinar Geografia no Ensino Fundamental, lê-se:

O estudo da linguagem cartográfica, por sua vez, tem cada vez mais reafirmado sua importância, desde o início da escolaridade. Contribui não apenas para que os alunos venham a compreender e utilizar uma ferramenta básica da Geografia, os mapas, como também para desenvolver capacidades relativas à representação do espaço. A Cartografia é um conhecimento que vem se desenvolvendo desde a pré-história até os dias de hoje. Por intermédio dessa linguagem é possível sintetizar informações, expressar conhecimentos, estudar situações, entre outras coisas – sempre envolvendo a ideia da produção do espaço: sua organização e distribuição (PCN, 1998, pg. 24).

Os *Atlas escolares municipais* constituem instrumentos didáticos interessantes para serem utilizados no Ensino Fundamental, pois neles são trabalhadas noções básicas de Geografia, contextualizadas com a realidade local do aluno, otimizando a construção dos conhecimentos por meio da representação espacial. A cartografia como linguagem, que por sua vez possibilita a construção de conceitos geográficos, deve ser aplicada desde o Ensino Fundamental I.

Nesse sentido desenvolvemos esta pesquisa, que tem como objetivo analisar e contextualizar a prática docente de professores do Ensino Fundamental I, que atuam no ensino de Geografia na rede pública municipal, relacionando-a com a utilização do Atlas Escolar Municipal de Trindade como uma proposta de formação continuada de professores. Também são objetivos dessa pesquisa: realizar levantamento de informações atualizadas e georreferenciadas do município de Trindade; Elaborar o Atlas Escolar Municipal de Trindade, para permitir ao aluno e ao professor, perceber, representar e conhecer o espaço geográfico em que estão inseridos, numa visão curricular local, regional e contextualizada; contribuir com a formação continuada dos professores envolvidos na pesquisa.

Para tanto, o trabalho foi estruturado em capítulos temáticos, cujo conteúdo, em linhas gerais, é apresentado em seguida.

O Capítulo 1 tem por finalidade conceituar a categoria lugar na Geografia, por meio de contribuições de vários autores; elucidar a importância do estudo dessa categoria na Geografia escolar, apresentar representações cartográficas como possibilidade de auxílio para o trabalho do professor e para a aprendizagem do aluno, apresentar uma análise da abordagem sobre o lugar nos livros didáticos do 4º e 5º anos adotados na escola-campo da pesquisa e expor a proposta dos Atlas Escolares Municipais

O Capítulo 2 faz uma discussão metodológica da pesquisa, apresenta as etapas que foram trilhadas para se construir o Atlas Escolar Municipal de Trindade, apresenta os resultados de um questionário de sondagem aplicado às professoras, discute a relação do professor com os saberes que ensina, articulando o processo de formação docente aos saberes necessários para o ensino. Também situamos a contribuição das oficinas realizadas com as discussões da formação continuada.

O Capítulo 3 apresenta os resultados das observações realizadas em turmas de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, nas quais foram descritas e analisadas aulas de Geografia, e onde se discutem as experiências adquiridas por meio do acompanhamento e intervenção na prática docente com a utilização do material.

As considerações finais apontam os resultados advindos da pesquisa e sugerem possibilidades de continuidade da mesma.

*CAPÍTULO I:
O ESTUDO DO LUGAR NO ENSINO FUNDAMENTAL I: PERSPECTIVAS E
ABORDAGENS METODOLÓGICAS*

Uma das questões centrais na ciência geográfica é a escolha da categoria e da escala de análise que nortearão a linha de pesquisa em estudo. É o que vai permitir o método e o recorte para melhor enfoque diante da amplitude do espaço geográfico, de ordem tanto local quanto regional, nacional ou global (CALLAI, 2006).

Neste trabalho, a categoria geográfica escolhida foi o lugar, que teve como recorte o estudo de uma localidade específica, no caso, o município de Trindade, em Goiás. Trata-se de um lugar entendido por nós como algo cheio de valor e identidade para as professoras envolvidas nessa pesquisa, bem como para seus alunos.

Callai (2006) considera o lugar como importante laboratório para compreender o mundo. Diversos autores, em diferentes perspectivas teórico-metodológicas, também discutem a categoria. Para Santos (1998, p. 34), “quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, únicos”.

Contudo, nem sempre o lugar na Geografia foi visto como categoria do campo científico, imbuído de valores humanos e carregado de identidade e pertencimento. A história do pensamento geográfico nos relata a trajetória da abordagem da categoria, que varia em cada época, por distintas perspectivas teórico-metodológicas. Assim, na perspectiva da Geografia tradicional, lugar não constituía um conceito científico e era sinônimo de localização. Na perspectiva quantitativa, o lugar também foi referência para a localização e organização espacial. Nesse sentido, o conceito é utilizado para explicar padrões de distribuição dos “polos de crescimento”, estatística que permite a relação com o capitalismo (FILHO, 2009). Na década de 1970, surgem as Geografias Humanística e Crítica, em confronto com o positivismo e com abordagens metodológicas, filosóficas e epistemológicas diferentes, mas com uma característica em comum: compreender o mundo e buscar explicações sobre a relação sociedade-natureza. Nesse sentido, uma complementa a outra (HOLZER, 1998).

A Geografia Humanística se apoia no conceito de lugar de Tuan (1983), descrita como uma rede de relações em ação, movimento e ligação entre indivíduos, capazes de significá-lo:

[...] o lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação; o lugar, no entanto tem mais substância do que nos sugere a palavra localização; ele é uma entidade única, um conjunto “especial” que tem história e significados. O lugar encarna as experiências e as aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do

espaço, ele é a realidade concreta a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhes dão significados. (TUAN, 1983, pg.78)

O geógrafo Yi Fu Tuan defende a proposição da Geografia Humanística nas obras *Topofilia* (1980) e *Espaço e Lugar* (1983). Segundo Tuan (1983, p.198), “Lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”. O autor formulou as primeiras considerações sobre o lugar como mundo-vivido. Em tal proposição, o lugar é “um mundo de significado organizado. É essencialmente um conceito estático. Se víssemos o mundo como processo, em constante mudança, não seríamos capazes de desenvolver nenhum sentido de lugar. O autor também destaca a “percepção, a experiência e os valores” como atribuições do lugar. Nesse sentido, os lugares são núcleos de valores e assim, podem ser totalmente apreendidos por meio da experiência total, englobando relações íntimas e subjetivas próprias e as relações externas.

Para Santos (1998, p. 33), “o lugar é, a sua maneira, o mundo”. Assim, ao mesmo tempo em que o lugar é singular, ele se relaciona com os demais, isto é, encontra-se interligado aos demais lugares como componente singular de um conjunto amplo, contudo universal “[...] a singularidade garante configurações únicas, os lugares estão em interação, graças à atuação das forças motrizes do modo de acumulação hegemonicamente universal.” (Santos, 1998, p. 37). Nessa visão, a globalização e o capitalismo proporcionam a interação entre os lugares, de modo que se tornem globais. Ainda em Santos (1996), o lugar é uma escala de análise que permite entender como os objetos se espacializam no espaço e como as ações nele se desenvolvem. É nesse sentido que o espaço geográfico é concebido como “um sistema de objetos e ações”. Para fundamentar sua ideia, o autor afirma que no mundo atual existe uma rede de fluxos – constituída de mercadorias e informações – marcante na conexão entre os lugares. A análise do espaço a partir do conceito de lugar trata o espaço geográfico de modo específico, pois se refere ao mundo experienciado.

Assim, é a partir do espaço concreto, da realidade do espaço experienciado que se inicia a leitura do mundo.

Para Santos (2000), o lugar

[...] não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência, que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo (SANTOS, 2000, p. 114).

Daí a “força do lugar”, um espaço cheio de história, imbuído de valores humanos, que aparece como resposta a uma sociedade da globalização e das técnicas. Nesse sentido, o lugar

é aquele ‘algo’ ligado a certa sociabilidade frente às mudanças de estrutura e função da sociedade, se contrapondo ao que o autor vai chamar de não-lugares, que discutiremos mais adiante.

Quando se realiza a leitura do lugar de vivência, é possível desenvolver um raciocínio espacial a partir da realidade conhecida e experienciada. A partir do lugar concreto podem-se extrair elementos para pensar o mundo e realizar comparações, abstrações, generalizações, análises, sínteses e relações.

Ainda sobre o lugar, apresentamos a contribuição de Carlos (1996), quando diz que é nele onde se desenvolve a vida em suas diferentes dimensões e se encontra a base da reprodução da vida, podendo ser analisado pela tríade ‘habitante-identidade-lugar’. O lugar pode ser percebido pelo homem a partir de seu próprio corpo, dos sentidos que ele constrói ao se apropriar do espaço e do mundo.

Na perspectiva apresentada, o lugar deve ser tratado a partir da identidade que cada um constrói com esse espaço, no relato de suas experiências, nos problemas que vivencia e nos valores formados ao longo da própria vida. Como afirma Carlos (1996), o lugar é

[...] a porção do espaço apropriável para a vida – apropriável através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade lato sensu a menos que seja a pequena vila ou cidade – vivida/conhecida/reconhecida em todos os cantos (CARLOS, 1996, p. 20).

Nessa fala enfatizamos o que a autora define como lugar: espaços locais de lugares apropriáveis para a vida, a experiência como o bairro, a praça, a rua, ou seja, lugares concretos, vividos, conhecidos e identificáveis.

Já pela análise crítica de Durán *apud* Kaercher (2009), o lugar vem se tornando destituído de significado para as pessoas, que perdem o vínculo sensível, uma vez que não compartilham da elaboração do lugar, ou seja, do seu habitat.

O lugar se identifica, na Geografia da percepção, com o espaço vivido. Segundo os geógrafos, Lugar é o espaço vivido, o horizonte cotidiano, que tem sentido de identidade e pertencimento. É o Lugar de cada um de nós. Em consequência, para que o espaço seja Lugar, deve transformar-se em algo significativo para as pessoas (...) Por outro lado, cada vez mais o habitante se sente sem influências na elaboração de seu habitat, há perda do sentimento de enraizamento e ligação. (DÚRAN, 1996, *apud* KAERCHER, 2009, p.193)

Portanto, ao mesmo tempo em que existem lugares comuns que nos fornecem o sentimento de identidade e pertencimento, também existem os “não-lugares”, definidos como espaços “dispersos, de circulação acelerada e corriqueiros” com os quais não nos identificamos nem compartilhamos. São locais que vamos por alguma necessidade - bancos,

hotéis, aeroportos, vídeo games, caixas eletrônicos, supermercados de grande porte etc. - mas não queremos ficar ali, por que não temos identidade com eles. Estes espaços são vazios e sem significado para nós, não nos apegamos a eles, são espaços da pós-modernidade, da circulação e do consumo.

Diante dessas primeiras informações, é possível afirmar que o lugar é, portanto, um espaço compartilhado por moradores que desenvolvem história e identidade nesse espaço. É com essa perspectiva que trabalhamos nesta pesquisa.

1.1 A importância do estudo do lugar no ensino de Geografia Escolar

O objetivo deste tópico é apresentar as abordagens distintas que estudam e analisam o lugar na Geografia Escolar, a fim de oferecer uma análise crítica reflexiva por meio de bases conceituais distintas.

Na escola, a análise do lugar está historicamente vinculada à perspectiva da Geografia tradicional, como prescrição metodológica, pois reduz o conceito à localização dos fenômenos geográficos relacionados à superfície terrestre. Nesse sentido, o modelo enfatiza exclusivamente aspectos físico-naturais e privilegia a descrição e memorização de nomes, rios, cidades ou qualquer outro aspecto do espaço geográfico. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998), muitos livros didáticos apresentam em seu corpo, juízos, interpretações ou até mesmo expectativas de aprendizagem defendidas pela Geografia tradicional. Esse fator contribui para alienar e limitar o trabalho do professor. A análise nesse contexto destaca o privilégio e ênfase dada à região Centro-Sul do país e o ensino do lugar-local é destituído de pertencimento e identidade.

Cavalcanti (2002) enfatiza a educação geográfica no ensino básico para formar cidadãos que desenvolvam competências e habilidades de um modo de pensar autônomo e geográfico, ligado às referências conceituais:

[...] há um movimento dialético entre as pessoas e os espaços, formando espacialidades. Esse fato torna o conhecimento geográfico importante para a vida cotidiana. A vida cotidiana hoje é composta por arranjos espaciais, de relações espaciais complexas. E a compreensão da complexidade do espaço geográfico global pelo cidadão torna-se cada vez mais difícil se ele não dispõe de referências conceituais sistematizadas para além das referências cotidianas (CAVALCANTI, 2002, p. 74).

Teóricos do ensino de Geografia destacam a importância de que o planejamento das aulas, que inclui a seleção e organização dos conteúdos, seja feito de forma a contemplar o estudo das categorias de análise da Geografia, a exemplo do espaço, lugar, território, paisagem, região, natureza, sociedade, entre outras. Ressaltam, ainda, a importância do estudo

da localidade vivida pelos alunos em suas diversas escalas (rua, bairro, cidade e município) a partir de métodos de análise utilizados pela Geografia, como a observação, descrição, analogia, análise e síntese (SANTOS, 2007).

Mas como inserir o estudo da categoria lugar no ensino escolar básico? A pergunta se justifica, uma vez que o saber teórico do qual o lugar está impregnado não oferece referências práticas senão no espaço acadêmico.

Braga (2006) observa que o saber teórico-científico é transformado em conteúdo escolar por meio de três agentes: o primeiro agente é o Governo Federal, que por meio do Ministério da Educação elabora os documentos oficiais que orientam o currículo descrito principalmente nos PCN. O segundo agente é/são o/(s) autor/(es) através do livro didático, que apresenta aos professores e alunos o saber a ser ensinado, com destaque à disciplina de Geografia, expressando suas concepções e postulados conceituais. O terceiro e último agente é o professor, que ao planejar as aulas, reelabora o conteúdo expresso nos livros por meio do diálogo, no esforço de torná-lo compreensível para os alunos, e nesse esforço dialógico aproxima-se do aluno e dá vida ao conhecimento escolar no momento da prática.

Porém, como proceder se o livro didático aborda lugares distantes da realidade do aluno e o professor não possui conhecimento e/ou tempo necessários para reformular e adequar o conteúdo do livro didático para um enfoque locacional?

Albuquerque (2011) argumenta que deve haver um processo dialético entre professores e pesquisadores da Geografia e da educação que tenham por objetivo formular, a partir de uma fundamentação teórica e com o auxílio de técnicas de ensino, uma melhor aproximação entre a teoria e a prática na sala de aula.

Um dos objetivos do ensino básico é a formação do raciocínio espacial do aluno, iniciando uma análise da realidade quanto a sua configuração espacial.

Nesse processo de ensino-aprendizagem, o professor assume importância fundamental, pois deve planejar aulas que permitam ao aluno se reconhecer como ator social para realizar a leitura do lugar e da paisagem, no sentido de levantar questionamentos, suposições, imaginações e lançar hipóteses para pensar o processo de construção da sua localidade e entender as relações que nele são estabelecidas.

Para Callai (2001, p.58), o lugar constitui laboratório para estudar, em suas diferentes escalas, descobrir e compreender o mundo a partir do *nosso mundo*, no qual construímos nossas relações do cotidiano. A autora salienta que o 'lugar' deve ser entendido "como resultado da história dos grupos que nele vivem, trabalham, produzem se divertem e ali

constroem relação de identidade e afetividade”. Nesse sentido, enfatizamos que a seleção dos lugares possíveis de serem estudados, desde a rua até o bairro, a cidade ou município, devem ser escolhidos partindo da importância, do significado e da relação subjetiva desses lugares para a vida do aluno, seja por estar o mais próximo, como, por exemplo, o bairro que o aluno mais conhece, ou aquele local que representa os laços que ligam as várias pessoas que compartilham do mesmo espaço para viver, como no caso da cidade.

Segundo Passini (1993), é necessário dar oportunidade ao aluno para ser participativo ativo e pensante para que compreenda a realidade que o cerca. Partindo dessa abordagem, por analogia, que ele seja capaz de desenvolver uma visão crítica do próprio lugar. Nesse sentido, o conhecimento a ser construído necessita da representação de grandeza de significado para o aluno. A referente autora também afirma que deve se extrair da observação do aluno, os elementos sobre os quais ele deve refletir e a partir disso ser levado à construção de conceitos.

O caminho para o educador iniciar a formação de um sujeito participativo e agente capaz de pensar com criticidade o espaço nas suas múltiplas relações, deve ter como ponto de partida, o estímulo dos saberes prévios do aluno, geralmente aquele pautado no senso comum, carregado de preconceitos e crenças - ou seja, trazer para o contexto abordado o que o aluno dispõe da realidade subjetiva, para a discussão e com isso valorizar a sua capacidade de análise. Assim, o educador interpreta a leitura do lugar realizada pelo educando. Partindo dessa análise, estabelece a relação do conhecimento à priori ou pré-conceito, com o conhecimento conceitual teórico-científico, a fim de construir uma visão dialógica compartilhada, mais atrelada ao modo humanístico como se organiza o espaço do ponto de vista geográfico.

A escala de abordagem do conceito de lugar também permite que o professor realize diferentes análises espaciais, seja partindo do município, do bairro, da rua ou da escola. Assim, é possível abordar o tema de preservação do meio ambiente, a partir dos exemplos do próprio município, bairro ou rua em que o aluno está inserido, ou mesmo trabalhar as relações administrativas e funcionais, colocando situações de vizinhança e identidade como pauta de contextualização do conceito. Essas situações-problema devem ser pontos que o educador investigue através da pesquisa de demandas do bairro e do município, para criticar, intervir e atuar no processo de ensino-aprendizagem. Retomando a fala de Callai (2005, p. 65), “a abordagem desse conteúdo deve ir além de suas características físico-naturais ou econômicas”, isto é, o lugar é, antes de todos os conceitos teóricos, ‘humano’.

Christofoletti (1982, p.22) afirma que “para cada indivíduo, para cada grupo humano, existe uma visão do mundo, que se expressa através das suas atitudes e valores para com o quadro ambiente”. Nesse sentido, reafirma o estudo do lugar que, corrobora para uma investigação que vai além do espaço concreto, procura investigar e compreender a noção do espaço do educando, suas atitudes e valores para com o ambiente.

No que diz respeito à metodologia e à organização do trabalho pedagógico, a aplicação do conceito possui significado quando pensado como categoria espacial e referência para a realização de uma leitura do mundo pelos alunos. Destacamos a importância dos instrumentos utilizados pelo professor, no sentido de aproximar aluno e conhecimento, promovendo abordagens interdisciplinares. Além da relevância da utilização de aparatos tecnológicos que auxiliam no trabalho do educador, por meio do emprego da internet e de programas que explorem mapas e imagens de satélite – e que não podem suprirem por si mesmos, pois devem ser utilizados como ferramentas auxiliares nas atividades de ensino –, destaca-se a necessidade da alfabetização cartográfica, também abordada no ensino básico, e que propõe uma linguagem articuladora e interativa para o entendimento do conceito de lugar por meio de representações.

Sugerimos a construção dos saberes conceituais analisados, interligada com a representação instrumental cartográfica, por se tratar de uma linguagem que auxilia a leitura do espaço, que estimula a compreensão geográfica quando articulada com o estudo do lugar.

Santos (2007) elucida que o bairro é concebido como parte da cidade, melhor compreendido em seu interior. Trata-se de um espaço percorrido e de significado e afetividade para os moradores. Nesse sentido, o ensino de Geografia deve explorar o estudo destes espaços e assim tornar significativa a aprendizagem conceitual.

A contribuição do estudo do lugar para a cidadania é abordada por Callai (2001). Segundo a autora, o aluno deve aprender não só o conteúdo escolar por si só, mas relacioná-lo com a realidade; e essa tarefa deve ser realizada pelo educador. Além da atribuição de sentido à realidade, é possível construir bases para uma educação cidadã, que questiona as problemáticas sociais, locais e globais, e se comprometa em lutar por uma sociedade melhor, consciente de seus direitos e deveres.

A cultura escolar ao abordar características espaciais de outros lugares difundidos nos materiais didáticos disponíveis, faz admirar as paisagens e cidades distantes ilustradas no conteúdo do livro. Porém, não faz conhecer o lugar em que vivemos nem se desenvolve identidade com a localidade, a vegetação e a paisagem. Estudar a localidade é tornar o ensino

mais concreto e se comprometer com os problemas locais, para assim fazer relação com espaços distantes.

Acredita-se que o uso de imagens e representações do lugar pode auxiliar o aluno na leitura da sua vivência, atribuindo valores a partir da relação afetiva, identitária e simbólica.

1.2 A abordagem do estudo do lugar no livro didático

O livro didático tem a função de complementar o trabalho do professor na construção do conhecimento. Carregado de valores culturais, o livro didático relaciona conteúdos textuais e visuais a fim de auxiliar o estudante na compreensão do que nele é tratado.

Além de o livro didático possuir uma dimensão política e ideológica, na medida em que faz parte de um contexto escolar e cultural, ele possui uma dimensão econômica, pois responde por metade do mercado editorial brasileiro (DAVIES, 1991). Nesse sentido, a seleção dos conteúdos trabalhados no livro didático deverá ser pensada para um contexto nacional, o que, na prática, prejudica o conhecimento do lugar de boa parte da sua “clientela”.

Com a recomendação das políticas públicas de educação para o estado de Goiás, e das diferentes pesquisas que enfatizam o trabalho com imagens, gráficos e mapas, que devem fazer referência ao espaço de vivência do educando, questiona-se: Como ensinar o espaço local, sem materiais didáticos específicos para a abordagem da localidade? Considerando que o livro didático insere-se no contexto da sala de aula como o instrumento pedagógico de maior utilização no cotidiano das escolas, a relação entre o conteúdo do livro e a localidade a ser ensinada constitui, pois, um problema investigativo.

Em pesquisa anterior (Silva; Bueno, 2011), empreendemos uma análise da coleção de Geografia do 3º e 4º anos aprovada pelo Ministério da Educação (MEC) e disponível no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD de 2010) para compor os três anos subsequentes (2010 – 2013). Como um dos resultados dessa pesquisa citada, a análise de obras como Simielli (2008) demonstrou abordagens de lugares focados no centro-sul do país, ou seja, diferentes realidades locais comparadas à área de estudo da pesquisa, neste caso Goiânia/GO.

Nesse tópico, fazemos uma breve descrição e análise das unidades que fazem referência ao estudo do lugar nos livros do 4º e 5º anos, utilizados na escola-campo da pesquisa. Os livros de Geografia do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental utilizados na escola

fazem parte da coleção intitulada “Hoje é dia de Geografia”, da autoria de Timbó (2011) aprovado no PNLD de 2013. O autor tem formação em Geografia.

O livro do 4º ano tem 4 unidades: 1) O que é município, 2) O trabalho humano, 3) Trabalhando com mapas e 4) Observando a natureza.

Sobre a unidade 1, que trata do lugar, pode-se verificar no quadro 1 como se distribuem os capítulos e respectivos subtítulos:

Quadro 1 – Abordagens sobre o lugar no livro didático do 4º ano - Unidade 1

Abordagens do livro didático do 4º ano - Unidade 1				
Capítulos	1	2	3	4
	Situando o município	Os diferentes espaços do município	Transformações e problemas do espaço urbano	Transformações e problemas do espaço rural
Subtítulos	Onde se localiza o município?	Espaço Urbano -, Espaço Rural -, Os artistas retratam os espaços rural e urbano	O outro lado do progresso	O progresso é igual para todos? -, O outro lado do progresso -, Quem são e como vivem os trabalhadores do espaço rural-, O trabalho no espaço rural está mudando.

Fonte: Timbó (2011)

Organização: da autora.

No capítulo 1, o aluno é convidado a observar algumas fotografias de municípios como: Bagé/RS, Campo Grande/MT, Jundiá/SP, Piritiba/BA, Curitiba/PR, e Senador Canedo/GO. A partir das ilustrações, o livro sugere que o aluno escreva no caderno o que observou nas fotos; que lugares do município estão representados e quais municípios foram retratados.

O capítulo 2 também segue a mesma lógica do capítulo 1, com o trabalho de fotografias de diferentes realidades municipais. O autor também utiliza-se de vários mapas de realidades municipais distintas.

Verificamos que o livro como um todo, faz a tentativa de abordar diferentes lugares, seja por meio de fotografias, imagens de satélite e mapas. Os conteúdos apresentados não mantêm nenhuma relação com a realidade dos alunos e com o processo de construção de suas identidades. No interior da obra, os conteúdos tornam-se mais desconexos, ao abordarem assuntos que não levam os alunos a nenhuma reflexão e imprimem valores e conceitos ultrapassados, conforme indicam os textos abaixo:

Nas grandes propriedades ou fazendas, geralmente se cultiva um único produto, utilizando máquinas agrícolas. Há, ainda, grandes propriedades voltadas apenas para a criação de animais. Nessas terras, quase tudo que é

produzido é vendido, principalmente para outros países. (TIMBÓ, 2011 p. 20)

O livro de Geografia do 5º ano (Timbó, 2011) traz 4 Unidades, a primeira intitulada “Conhecendo o território brasileiro”, define o que é território, os limites, fronteiras do Brasil, sua divisão política-administrativa e os estados e capitais. O livro também aborda urbanização e industrialização, as paisagens das cidades brasileiras e suas transformações.

A Unidade 2 fala sobre a população brasileira, a formação do povo, os movimentos populacionais e migração. A unidade 3 (quadro 2), aborda sobre a divisão regional brasileira. Seus capítulos são distribuídos em regiões, como podemos observar a seguir:

Quadro 2: Abordagens sobre o lugar no Livro didático do 5º ano – Unidade 3

Abordagens do Livro didático do 5º ano – Unidade 3					
Capítulos	Centro-Oeste: terra de Tuiuiús e modas de viola	Nordeste: Água de um lado, seca de outro”	Norte: Muitas águas e matas	Sul: Uma paisagem diferente	Sudeste: Economia bastante desenvolvida
Subtítulos	Quem é o povo que vive no Centro Oeste brasileiro? Distribuição da população	Um rio de esperança - Mas o nordeste não é só seca - Cordel: uma arte popular nordestina	O clima e as paisagens; É possível gerar riquezas sem desmatar?	Licões de pampas e araucárias	Uma região de grandes cidades; Brasil: uma terra de patrimônios turísticos naturais e culturais

Fonte: Timbó (2011)

Organização: da autora

Percebemos que na unidade 3, o autor tenta definir e padronizar com um título generalizado, as regiões brasileiras, caracterizando o Centro-Oeste como terra da música sertaneja e onde se encontra um tipo de ave chamado “Tuiuiú”. Já a região Nordeste é definida em dois aspectos distintos: água de um lado e seca de outro. O norte, de acordo com o título, é uma região onde existe muita água e matas, o Sul é definido por sua paisagem “diferenciada” e o Sudeste é definido como região onde a economia é bem desenvolvida.

Como é perceptível, os títulos do capítulo focalizam temas relacionados com as regiões brasileiras, porém, a forma como estas regiões são abordadas no livro didático distanciam a perspectiva de compreensão da Geografia da região, estado ou mesmo do município e não apresentam qualquer possibilidade de vinculação desses conteúdos com o processo de construção de identidade dos alunos.

A última unidade, intitulada “O mundo gira”, é dividida em 4 capítulos: Localizando o Brasil; Formas de representar a Terra; Coordenadas Geográficas e Movimentos da Terra. Folheando o livro, observamos que o autor tenta abordar diferentes realidades do Brasil, para falar de temas como industrialização e metropolização utiliza exemplos dos municípios da Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Pará, para mostrar as paisagens das cidades brasileiras.

Sobre essa abordagem, podemos aferir que apesar da tentativa do autor retratar diferentes realidades, não mais centradas apenas no eixo Centro-Sul do país, não consegue abordar as realidades municipais do país como um todo. Muito menos a realidade trindadense.

A partir desta evidência, percebe-se que há um descompasso entre o ensino da localidade, a proposta curricular e o livro didático. Se, por um lado, os livros didáticos estão fora de contexto na abordagem das temáticas propostas nos Referenciais Curriculares Básicos, por outro lado, descaracterizam a localidade, ao veicularem diferentes realidades, sem significado para a compreensão local e espacial.

Nesse contexto, o aluno que se sente pertencente ao município de Trindade, pode pensar que não é reconhecido, ou que o seu lugar não é lembrado e nem abordado no contexto escolar.

Segundo Suertegaray (2000), importa

Ensinar a Geografia [...] a partir do conceito de lugar como espaço próximo espaço vivido e como espaço de expressão das relações horizontais (relações da comunidade com seu meio) e espaço de relações verticais (relações sociais mais amplas determinando em parte a especificidade dos lugares) (SUERTEGARAY, 2000, p.34).

Os livros didáticos são elaborados na maior parte dos casos em São Paulo. Distribuídos em todo o território nacional servem de referência para todas as escolas e municípios brasileiros. Para isso, a localidade abordada é recortada e, na busca de atender a todos os lugares, acabam não abordando bem nenhum.

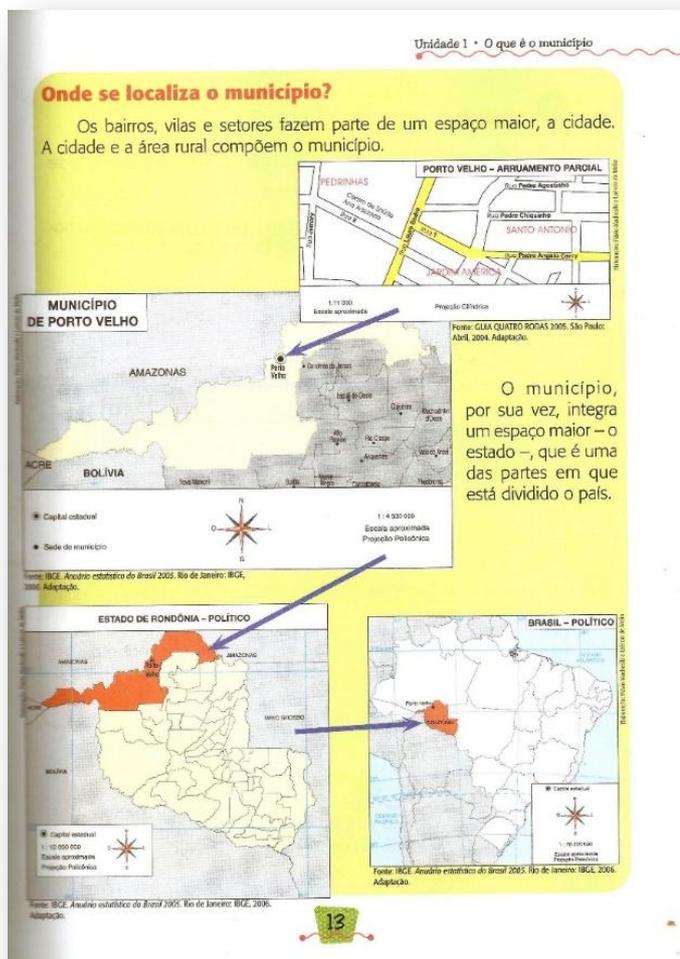
Para Lima (2000, p. 45), os livros apresentam “pinceladas” que retratam

[...] uma visão homogênea, que não contempla o mundo das diversidades. Constata-se uma característica comum entre as obras - o fato de serem elaboradas de forma genérica, desconsiderando as especificidades de cada região, as diversidades étnicas, geográficas, históricas, culturais e tantas outras tão heterogêneas, em relação à extensão continental do país.

Sobre as representações cartográficas apresentadas nos livros didáticos analisados, estas também abordam realidades de diferentes localidades, mesmo que acompanhadas de

textos com ideias generalizadas sobre o município, como podemos observar na figura 1 que trata o município de Porto Velho (RO) no estado de Rondônia e no Brasil.

Figura 1 – Representações cartográficas do município no livro didático – 4º ano



Fonte: Timbó, 2011, pg. 13.

As representações cartográficas auxiliam na compreensão do espaço, na medida em que permitem um novo olhar sobre o que está sendo representado. Ter acesso a materiais que tratam do lugar de moradia é desenvolver o ensino aprendizagem em Geografia de modo significativo e motivante tanto para professores como para alunos. Assim, afirmamos a importância de materiais que abordem a localidade por meio da cartografia escolar nas séries iniciais, não só para o cumprimento das exigências curriculares, mas acima de tudo, para uma educação cartográfica que inicie a partir do cotidiano.

1.3 A Cartografia Escolar no estudo do lugar

A Cartografia constitui um recurso valioso para representar o lugar. O mapa quando bem aplicado, expressa um dos objetivos basilares do saber geográfico do Ensino Fundamental I: a formação da noção espacial do educando.

Como eixo temático dos PCN, a Cartografia deve ser abordada desde o início da escolaridade. Sua contribuição vai além de desenvolver a compreensão e utilização de mapas, pois amplia noções de localização e orientação, articuladas com a representação do espaço. O ensino de Geografia intermediado pela linguagem cartográfica sintetiza informações, indica conhecimentos e desenvolve situações de aprendizagem envolvendo o espaço e sua organização (BRASIL, 1998).

A Cartografia, como linguagem, precede a própria escrita. É por meio das informações cartográficas que o homem gere e organiza a ocupação do espaço.

Segundo Martinelli (1991), a Cartografia é ao mesmo tempo ciência e arte. Ciência, porque utiliza um conjunto de operações, métodos e técnicas para representar a curvatura da superfície da terra sobre um plano, empregando para isso, um conjunto de símbolos para representar os diversos aspectos da mesma superfície. E é Arte, porque as informações representadas são baseadas numa linguagem gráfica específica, a partir da Semiologia Gráfica¹

Para Castrogiovanni (2007),

A cartografia é o conjunto de estudos e operações lógico-matemáticas, técnicas e artísticas que, a partir de observações diretas e da investigação de documentos e dados, intervém na construção de mapas, cartas, plantas e outras formas de representação, bem como no seu emprego pelo homem. Assim a cartografia é uma ciência, uma arte e uma técnica (CASTROGIOVANI, 2007, p.39).

Falar em Geografia, muitas vezes, é se remeter aos produtos cartográficos, como imagens de satélite, mapas, cartas e globos, que apesar de presentes nos livros didáticos de hoje, quase sempre servem apenas como ilustradores de textos. A falta de trabalho com mapas na escola é refletida no adulto que possui dificuldades em desenvolver noções simples de localização e orientação.

Em uma pesquisa, Silva e Bueno (2011) constataram a falta de materiais didáticos disponíveis para o estudo da localidade: município, bairro, rua, bem como a dificuldade dos professores em criar materiais alternativos que abordem o lugar, seja por falta de tempo e/ou

¹Conjunto de diretrizes que orientam a elaboração de mapas temáticos com o uso de símbolos caracterizadores da informação (ARCHELA, 2001).

conhecimentos específicos. A não utilização de mapas, imagens, cartas ou quaisquer outros produtos cartográficos, prejudica a abordagem da localidade no ensino de Geografia das séries iniciais.

Saber pensar o lugar por meio da leitura cartográfica contribui, entre outros aspectos, para pensar o mundo, provocar comparações, abstrações, generalizações, análises e sínteses. Segundo Bueno (2010), os alunos devem construir o conhecimento sobre a linguagem cartográfica em dois sentidos distintos: por um lado como leitores das informações expressas por ela (linguagem), por meio da alfabetização cartográfica, e por outro, como sujeitos que representam, transformam, constroem e codificam o espaço no qual estão inseridos.

Conforme afirma Bueno (2010), desenvolver atividades que explorem as noções básicas da alfabetização cartográfica, como “visão oblíqua e visão vertical, imagem tridimensional e bidimensional, alfabeto cartográfico (ponto, linha e área), legenda, proporção, escala lateralidade, referências e orientação espacial”, contribui para uma construção do conhecimento sistematizado em Cartografia. (BUENO, 2010, p.7)

Mesmo o Ensino Fundamental I sendo o momento curricular para se iniciar a alfabetização cartográfica essencial para o restante do processo de aprendizagem (SIMIELLI, 1999), observamos que muitas vezes há certa resistência no ensino e estudo desse conteúdo, o que conduz a maiores dificuldades no aprendizado dos alunos nas séries posteriores.

A Cartografia representa os fenômenos geográficos, e a importância de saber pensar o lugar por meio de mapas se faz necessária, tanto para o professor quanto para o aluno, no processo de construção do conhecimento.

Para Granell e Perez (2004), é importante saber pensar o espaço local, no sentido prático, realizando a leitura de mapas, seus componentes textuais e visuais:

O conhecimento cartográfico, entendido no sentido de utilização prática, leitura e interpretação dos mapas, é indispensável para conhecer e trabalhar o espaço geográfico e nele se movimentar. A visão sintética e reduzida do território, proporcionada pela visualização de cima, redução em escala e linguagem gráfica convencional, é tão sugestiva que os mapas acabam por fascinar até os leigos em Cartografia, quando percebem que, de uma forma quase mágica, podem apreender o território numa simples folha de papel ou no monitor do computador. (GRANELL; PEREZ, 2004, p. 9).

Almeida (2001) estabelece uma tríade entre a Cartografia Escolar, Educação e Geografia, na qual a Cartografia Escolar representa uma nova área de pesquisa que possibilita o desenvolvimento de conceitos geográficos e se utiliza da linguagem gráfica para representar o espaço; a Educação se preocupa com o currículo e a formação de professores, buscando

desenvolver a aprendizagem através de métodos de ensino, e a Geografia se destina a focalizar os fenômenos socioespaciais em suas análises.

Simielli (1999) discute a importância da desmistificação da Cartografia, tida como apresentadora de mapas prontos e acabados. O professor deve ter noção básica para “ir além” do mapa, e buscar sua análise e interpretação.

O estudo do lugar mediado por um material complementar ao livro didático, que apresente informações em forma de textos, fotografias, tabelas, gráficos e especialmente mapas é indispensável para o ensino de Geografia com ênfase na educação cartográfica do aluno.

1.4 O lugar vivido e a proposta dos *Atlas Escolares Municipais*

A Cartografia está presente na proposta do Atlas Escolar Municipal, que apresenta ao professor e ao aluno representações cartográficas, por exemplo: mapas, plantas e imagens de satélite, entre outros, como facilitadores da leitura e estudo do lugar vivido, tornando significativo e motivador o ensino e a aprendizagem da Geografia.

Conhecer algumas definições sobre o que é um Atlas, é essencial para o entendimento de sua estrutura. Segundo Le Sann e Almeida (2003), atlas é “uma publicação formada por um conjunto de mapas, acompanhada ou não de diagramas, textos explicativos, glossário, bibliografia e outros documentos anexos”.

Destinados à prática pedagógica e ao Ensino Fundamental e Médio, atlas escolares apresentam aspectos essenciais relacionados aos currículos escolares, simplicidade de estilo e menor nível de detalhamento das informações (GIOVANNETTI, 1996).

Para Aguiar (1997, p.12), “os atlas geográficos vinculam-se a uma interface entre Geografia e Cartografia, e sua definição usual é a de uma coleção ordenada de mapas com o propósito de representar um dado e expor um ou vários temas”.

O primeiro atlas da história foi chamado por Cortambert “Petit atlas géographique du premier âge”, de 1840, e o considerado clássico por Martinelli (2011) foi o de Vidal de La Blache nomeado de “Atlas général Vidal-Lablache: histoire et géographie”, publicado em 1894. No Brasil, o pioneiro dos atlas foi o Atlas do Império do Brasil, de Cândido Mendes de Almeida, de 1868, utilizado no Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro (MARTINELLI, 2011).

Segundo Martinelli (2011), hoje contamos com uma ampla gama de Atlas, seja nos formatos impresso, digital ou eletrônico, de escala mundial, nacional, estadual e municipal.

O autor supracitado ainda orienta sobre a composição de um atlas destinado ao ensino de Geografia:

A concepção de um atlas geográfico para escolares tem como proposta básica, a de não ser apenas uma coletânea de mapas, prontos e acabados, mas sim, de compor uma organização sistemática de representações trabalhadas com finalidade intelectual específica. Para a sua coordenação, considera-se o entrelaçamento de duas orientações básicas: o “ensino do mapa”, lastreado nas posturas teórico-metodológicas sobre a construção da noção de espaço e respectiva representação, pela criança e o “ensino pelo mapa”, baseado na promoção do conhecimento do mundo através dos mapas, a partir do próximo, vivenciado e conhecido – o lugar – ao distante desconhecido – o espaço mundial. O conteúdo temático se fundamenta numa lucubração básica do conhecimento geográfico: a natureza em composição com a sociedade (MARTINELLI, 2008, p. 21)

Neste trabalho optamos por elaborar um atlas escolar de escala municipal, pois se entende que, além de contemplar o estudo do município, conteúdo previsto no currículo para ser abordado na primeira fase do Ensino Fundamental, o Atlas Escolar Municipal leva o aluno a uma alfabetização cartográfica, partindo do espaço de referência para ele.

De acordo com Le Sann (1995), o Atlas Escolar Municipal tem como objetivo apresentar um conjunto de informações municipais em forma de textos, imagens e mapas, baseadas em conceitos básicos da Geografia. Os fenômenos geográficos são representados no Atlas por meio da linguagem cartográfica.

Numa perspectiva recente, o atlas escolar auxilia nas etapas da alfabetização cartográfica. Segundo Passini (1994), essa alfabetização pode ser entendida como o processo que possibilita a eficácia na leitura de mapas, envolvendo as atividades consideradas necessárias para o desenvolvimento das habilidades que permitem lidar com as relações espaciais e a função simbólica. Esta deve ser trabalhada desde as séries iniciais, permitindo a formação do aluno para a leitura de mapas, passando pelas etapas que o envolvem na atividade de mapear o espaço para, posteriormente, entender as representações cartográficas.

Nesse contexto, *Atlas Escolares Municipais* são uma das modalidades de atlas escolares que tem como principal finalidade o estudo do lugar. Para isso, apresentam uma linguagem gráfica adaptada às séries iniciais do Ensino Fundamental. Como instrumento mediador do ensino aprendizagem, não se propõem, somente promover a alfabetização cartográfica do aluno a partir da representação da localidade, mas visam oferecer, além de fundamentação básica para o saber geográfico, uma oportunidade de formação continuada para o professor.

Para Bueno (2010), baseada na concepção construtivista, a proposta de atlas escolar municipal é interativa, pois possibilita e incentiva a pesquisa na medida em que apresenta informações municipais transcritas de maneira simples porém inacabadas, ou seja, os sujeitos participantes terão que responder a questões do atlas. No estudo com os atlas escolares municipais, o olhar do aluno direciona-se para as convenções e símbolos impressos, bem como para os índices de fenômenos naturais e culturais que se apresentam no município, num contexto geográfico real. Ou seja, o que é representado tem significado para o aluno.

Com a proposta de auxiliar no processo de ensino-aprendizagem do aluno, fundamentada em LeSann (1995), o Atlas Escolar Municipal defende as noções básicas da Geografia como potencial formador do raciocínio lógico do indivíduo e afirma que aprender Geografia significa, acima de tudo, perceber, entender e apropriar-se do mundo.

A modalidade de atlas escolares municipais atende às demandas gerais do município a que se destina. Para o estudo local, é indicado a alunos do Ensino Fundamental I, especificamente do 3º ao 5º ano, para contribuir no desenvolvimento da alfabetização cartográfica a partir do lugar.

Baseando-se nessa proposta, de modo geral, o atlas escolar municipal é composto por 3 partes: na primeira e segunda partes, apresenta-se inacabado um conjunto de pranchas (temas) sobre o município em forma de textos, mapas, gráficos e imagens. O aluno tem participação efetiva no processo de construção do conhecimento porque, em cada prancha, é convidado a buscar respostas, pesquisar informações complementares e verificar a exatidão daquelas apresentadas na prancha. As pranchas podem servir de suporte para uma abordagem diferenciada e atualizada sobre o município. O professor pode utilizar as pranchas da maneira que julgar mais oportuna, mudando, eventualmente, a ordem de apresentação das mesmas, em função do interesse e do andamento da turma. Podem ser desenvolvidas pesquisas paralelas e complementares, sobre os assuntos tratados. Por exemplo, no decorrer do estudo do tema população, o professor pode trabalhar os conceitos: população e migração etc., a partir de uma pesquisa feita pelos alunos, na família, na rua ou no bairro no qual moram. Na terceira parte são dadas orientações precisas de como trabalhar paralelamente o Atlas, desenvolvendo pesquisas, organizando trabalhos em campo, elaborando questionários e diagramas. (BUENO, 2008 p. 32)

A título de contextualização histórica, observamos que existem outras iniciativas no sentido de elaboração do atlas escolar municipal, porém com linhas e concepções particulares. Bueno (2008, p. 2) relata que o projeto “Atlas Escolares Municipais” teve início em 1996, no

Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), coordenado pela professora e pesquisadora Janine Gisèle Le San, com auxílio do FINEP (Financiamento de Estudos de Projetos e Programas). Os atlas foram elaborados juntamente com a equipe da UFMG composta pelos alunos da graduação e da pós graduação em Geografia e sugere: A grande novidade da proposta é a interatividade (Le Sann).

Os primeiros atlas produzidos foram dos municípios do Alto Vale do Jequitinhonha. Apontamos, contudo, que cada projeto se evidencia pela sua originalidade. No caso específico do Atlas Escolar Municipal de Trindade, ressaltamos que a função evidenciada é a composição ao conjunto do material já elaborado sem contudo deixar de se distinguir pela sua originalidade e singularidade. Um dos fatores que ampara e justifica nosso argumento é que o Atlas Escolar Municipal de Trindade, pioneiro no Estado de Goiás, identifica detalhes: social, cultural, econômico, histórico específicos da região. O município é envolvido num cenário de religiosidade de interesse nacional. Quanto à prática apresentada no ensino-aprendizagem, notamos que o aluno é ao mesmo tempo provocado e convidado a ser protagonista do processo de construção da identidade, cidadania e comunidade. A elaboração do atlas sugere ao aluno ocupar o espaço do autor quando está em ação, "complementando os exercícios propostos com dados pesquisados por ele mesmo" (LE SANN, 1993). O material estimula o aluno a construir hábitos de pesquisa, permitindo que passe a observar, registrar as observações, categorizar e representar, através de diagramas e mapas.

A originalidade de se construir o Atlas Escolar Municipal mediador dessa pesquisa, está no fato de que o aluno é convidado a participar como ator do processo de ensino-aprendizagem a partir da elaboração do atlas, "complementando os exercícios propostos com dados pesquisados por ele mesmo" (LE SANN, 1993). O material procura levar o aluno a construir hábitos de pesquisa, permitindo que passe a observar, registrar as observações, categorizar e representar, através de diagramas e mapas.

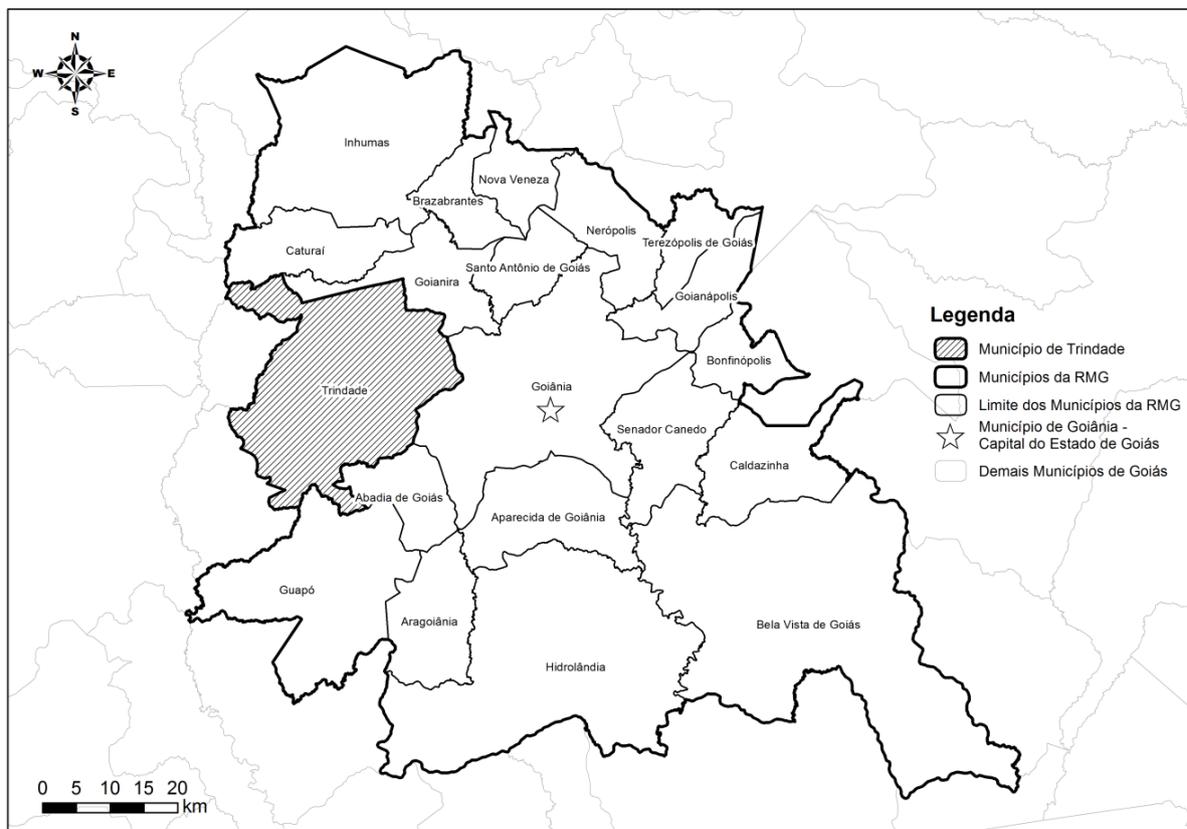
CAPÍTULO II: A TRAJETÓRIA DA PESQUISA: DA ELABORAÇÃO DO ATLAS À INTERVENÇÃO JUNTO ÀS PROFESSORAS

A necessidade de se construir um Atlas Escolar Municipal está fundamentada numa pesquisa de iniciação científica para as licenciaturas (PROLICEN) desenvolvida durante o período de 2010/2011, na qual Silva e Bueno (2011) analisaram a formação de professores do curso de Pedagogia, a prática docente e o ensino do espaço local no Ensino Fundamental I, especificamente em turmas de 4º e 5º anos. Através dos resultados obtidos nesta pesquisa, constatou-se que o ensino de Geografia das séries iniciais, apresenta grande fragilidade no que diz respeito aos conceitos geográficos, se estendendo desde os cursos de formação do pedagogo, responsável pelo Ensino Fundamental I, até a prática em sala de aula. Os resultados obtidos das observações da prática docente na escola, representada pela figura do professor, demonstraram a carência de materiais didáticos específicos para o ensino do lugar, desenvolvido somente com o livro didático, e a ausência de uma abordagem sistematizada em conceitos básicos da Geografia.

Com o intuito de suprir a demanda de materiais específicos que tratam do lugar, oferecer apoio ao ensino de Geografia e contribuir no processo formativo do professor, Bueno (2010), a partir de um projeto Institucional, propôs o estudo do espaço local da Região Metropolitana de Goiânia (RMG) e sua representação a partir de Atlas Escolares Municipais. Assim, a presente pesquisa, além colaborar na elaboração do atlas de um dos municípios da RMG (no caso específico, Trindade), ainda propõe uma análise de como se deu o processo formativo das professoras envolvidas na pesquisa.

A justificativa para a escolha do município de Trindade para a construção do atlas mediador desta pesquisa está ligada ao fato do município pertencer à Região Metropolitana de Goiânia (RMG), que por sua vez foi criada, planejada e organizada para atender às funções públicas, e os interesses comuns dos municípios que circundam e integram a capital. Como mostra a Figura 2, a RMG é compreendida pelos municípios de Goiânia, Abadia de Goiás, Aparecida de Goiânia, Aragoiânia, Bela Vista de Goiás, Bonfinópolis, Brazabrantes, Caldazinha, Caturaí, Goianópolis, Goianira, Guapó, Hidrolândia, Inhumas, Nerópolis, Nova Veneza, Santo Antônio de Goiás, Senador Canedo, Terezópolis de Goiás e Trindade (GOIÁS, 2010).

Figura 2 - Mapa da Região Metropolitana de Goiânia



Fonte: BUENO; SILVA (2013)

O Atlas Escolar Municipal de Trindade foi pensado para ser destinado especificamente para turmas de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. São nessas séries que o currículo recomenda se iniciar o estudo do espaço de vivência, como o bairro, o município e o estado, articulados com as representações cartográficas. Podemos verificar no quadro 3 os conteúdos e as expectativas de aprendizagem que fazem alusão à localidade no Ensino Fundamental I, conforme orientação do Currículo de Referência da Rede de Educação do Estado de Goiás (GOIÁS, 2013).

Quadro 3 – Conteúdos e expectativas de aprendizagem sobre a localidade no Ensino Fundamental I

CONTEÚDOS E EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM SOBRE A LOCALIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL I		
Ano	Conteúdos	Expectativas de aprendizagem
1º	Representação, formas, comparação, localização e paisagem.	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar aspectos naturais e culturais de onde vive. • Identificar o local de moradia como espaço de vivência coletiva. • Identificar o espaço da rua e da moradia como um lugar de relações sociais. • Demonstrar, com desenho, a rua onde mora, localizando casas e nomes dos moradores.
2º	Espaço e moradia, espaço de vivência, espaço sala de aula, espaço escolar, espaço e moradia.	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a distribuição espacial da sala de aula e seus elementos. • Localizar a escola geograficamente. • Identificar o percurso casa-escola – descrevendo paisagem natural e cultural.
3º	Espaço do bairro, representação, imagens cartográficas, mapas e gráficos e transformações do bairro.	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer relações entre áreas centrais e áreas periféricas do município. • Identificar os pontos cardeais. • Ler e interpretar símbolos cartográficos: legendas e cores. • Observar e descrever diferentes paisagens: casa, escola e bairro. • Representar o bairro através do desenho. • Localizar no mapa do município o seu bairro.
4º	Município: moradia população e espaço, mapa do município, mapa, limites do município, orientação e representação.	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a formação da população do município. • Identificar os pontos cardeais, utilizando diferentes referências (sol/corpo). • Interpretar legendas, símbolos, cores e escala. • Identificar as diferentes paisagens que compõem o município (natural e cultural). • Diferenciar espaço urbano e rural identificando seus elementos naturais e artificiais. • Identificar diferentes tipos de vegetação que compõem a paisagem do município/Estado. • Traçar o itinerário no mapa do município de um lugar para outro.
5º	Município, e estado de Goiás, leitura cartográfica, cartografia e representação.	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar no município espaços relacionados à agricultura. • Identificar no mapa limites entre os municípios vizinhos de seu próprio município. • Relacionar os processos de urbanização e industrialização do estado, na leitura de mapas e gráficos. • Identificar as transformações espaço/temporais na paisagem. • Interpretar legendas, símbolos e cores no mapa. • Ler e localizar diferentes informações em mapas diversos. • Construir mapas usando símbolos cartográficos.

Fonte: Currículo Referência da Rede de Educação do Estado de Goiás. (Goiás, 2013, p.172-190)
Organização da autora

Delimitado o município para a construção do atlas e definidos os conteúdos que fazem referência ao estudo da localidade, focado na Cartografia Escolar, Formação de Professores e Ensino de Geografia.

Para orientar nossas ações, como metodologia deste trabalho, optamos pela pesquisa participante que implica tanto na participação da pesquisadora no grupo que vai estudar, quanto na participação dos sujeitos envolvidos no processo da pesquisa. Entendemos que a elaboração do atlas, compartilhada com as professoras do Ensino Fundamental I, propicia maior envolvimento do docente, como ator do processo de elaboração do material que irá utilizar e, assim, há maior receptividade e possibilidade de aceitação do atlas, pela linguagem familiar tanto aos professores como aos alunos. A participação das professoras ainda permite maior adequação dos temas com as demandas da realidade escolar do município de Trindade.

No contexto da Pesquisa Participante, tomamos como base as estratégias metodológicas sugeridas por Freire (1984) que recomenda as seguintes etapas: 1º Formar uma equipe pesquisadora; 2º Delimitar a área onde ocorrerá a pesquisa; 3º Falar da pesquisa; 4º Ir a campo e transformar em prática educativa a pesquisa realizada, com a possibilidade de tornar-se assim em uma nova pesquisa. Neste capítulo, iremos centrar nas três primeiras etapas da pesquisa, sugeridas por Freire (1984).

Para formar a equipe pesquisadora e delimitar a escola-campo onde realizaríamos a pesquisa, fomos à Secretaria de Educação do município de Trindade selecionar uma escola que possuísse o Ensino Fundamental I, com o maior número de professores e alunos e que aceitasse o desenvolvimento do projeto, tanto por parte da gestão como do corpo docente. A unidade indicada preencheu todos os critérios e a gestora se prontificou a apoiar o projeto. A Escola Municipal Selma Ferreira dos Santos, localizada no setor Vida Nova, região oeste do município, foi nosso ambiente de pesquisa. Na figura 3 pode-se observar a entrada da escola.

Figura 3 - Entrada da Escola Municipal Selma Ferreira dos Santos



Fonte: acervo da autora (11/11/2012)

Para elaboração do Atlas, foi preciso acordo com a gestão da escola e reunião de aproximação com cerca de 10 professoras. Por meio deste encontro, apresentamos a proposta de construção do Atlas Escolar Municipal de Trindade, o que foi determinante para o desenvolvimento do trabalho. Após aceitação das professoras em participar da pesquisa, marcamos as reuniões de grupo, que ocorreria a cada quinze dias. Nas primeiras reuniões, foram discutidos os temas (pranchas) a serem inseridos no Atlas, com base no que trabalhavam em sala de aula e no que consideravam importante no estudo do município. As sugestões dadas pelas professoras foram basilares para a formação continuada, por propiciar momentos de discussão e troca de experiência.

Os encontros quinzenais constituíram-se a base de todo o processo de construção do Atlas, a discussão de sua legitimidade deve ser priorizada, pois conforme afirma Almeida (2003, p. 152), a justificativa de construir um Atlas Escolar Municipal não é apenas atender a uma demanda de material didático específico, mas o conhecimento que ele apresenta como um texto didático a ser tomado como objeto de ensino. Portanto, tendo em vista a necessidade

didática que o atlas exige, a construção do texto implicou numa visão pedagógica do município.

A colaboração das professoras foi centrada na construção da concepção do atlas. Cada professora deveria trazer textos e sugestões de textos e atividades baseadas nos temas previamente selecionados. Alguns temas a serem abordados no Atlas foram sugeridos pelas professoras como: religião, origem e hino de Trindade. Em comum acordo, acatamos as sugestões de pranchas de origem, hino e símbolos de Trindade.

Fizemos o levantamento, tratamento, análise e interpretação de dados atualizados do município de Trindade. As fontes de informações buscadas para a organização destes dados foram os censos demográfico e agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), banco de dados do Sistema Único de Saúde (DATASUS), Secretaria Municipal de Planejamento Urbano e Habitação, Secretaria de Educação e Subsecretaria Regional de Educação de Trindade. Também coletamos dados em pesquisas de teses e dissertações, artigos, livros, relatos formais e informais das professoras, moradores do município, escritores, jornalistas e geógrafos.

Os aspectos considerados no levantamento de dados gerais foram baseados nos conteúdos previstos no currículo de Geografia para os anos iniciais: localização, bairros, limites municipais, relevo, altitude, paisagem, vegetação, clima, temperatura, precipitação pluviométrica, água, uso da terra, agricultura, pecuária, comunidades rurais, estabelecimentos econômicos, atividades econômicas, comércio, indústria, potencialidades de investimento, população, serviços, saúde, ensino, cultura, origem e história, símbolos, lazer, turismo, transporte, estrutura administrativa, rodovias, dentre outros.

Para a construção dos produtos cartográficos do Atlas Escolar Municipal de Trindade, contamos com a colaboração voluntária do geógrafo Silvio Braz, integrante do Laboratório de Processamento de Imagens e Geoprocessamento da Universidade Federal de Goiás. Por ser um trabalho voluntário, não houve despesas financeiras para a produção dos produtos cartográficos que foram construídos utilizando-se de duas fontes principais. Os mapas e plantas intraurbanas foram baseados essencialmente em dados satelitários IKONOS (2002). Este dado, em formato de imagem, possui resolução espacial de 1 metro, a qual permitiu identificar elementos da malha urbana com acurácia, sendo utilizada para vetorização manual do traçado de ruas e quadras em um Sistema de Informações Geográficas (SIG). Dados em formato.dwg (AutoCAD) disponibilizados pela Prefeitura de Trindade, os quais consistem de

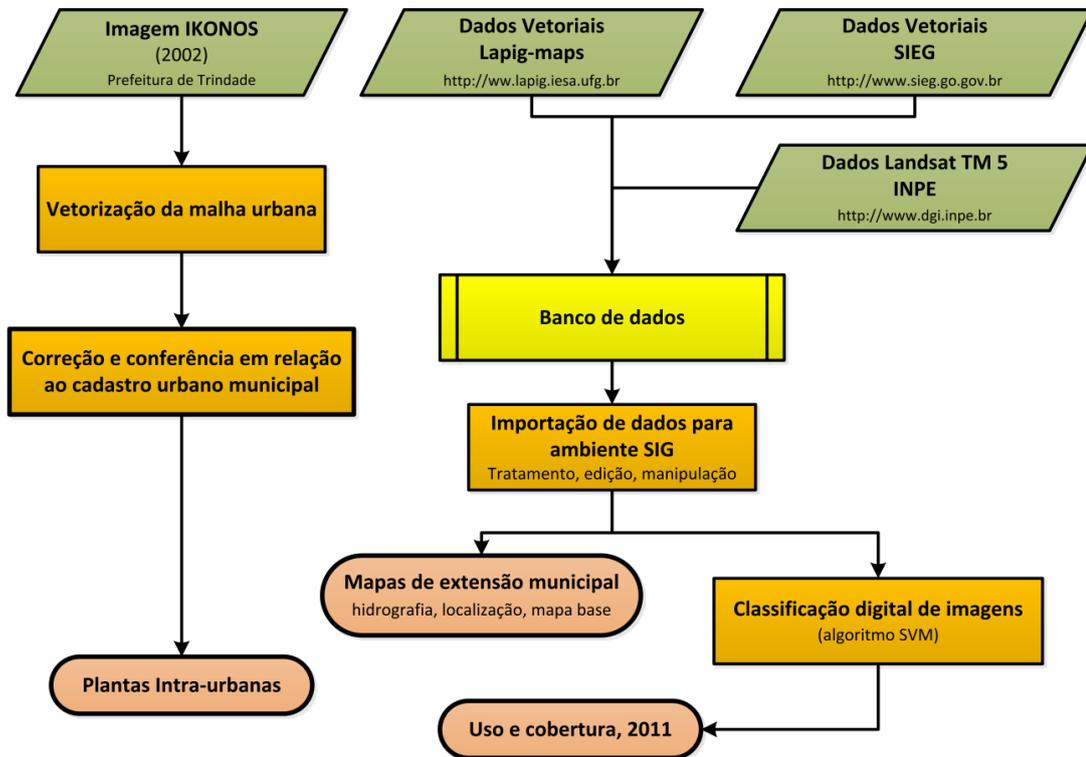
dados de cadastro urbano foram importados para o SIG e serviram para correções e conferência quanto aos nomes dos bairros e traçado.

Todos os mapas tiveram como recorte espacial o município de Trindade e seu entorno e foram construídos com arquivos vetoriais (formato ESRI Shapefile), adquiridos tanto no portal do LAPIG, por meio da plataforma de pesquisa Lapig-Maps (<http://www.lapig.iesa.ufg.br/lapig/>), bem como na Superintendência de Geologia e Mineração do Estado de Goiás no portal do Sistema Estadual de Estatística e de Informações Geográficas de Goiás (SIEGO - <http://www.sieg.go.gov.br/>). Estes dados foram inseridos em um SIG, organizados e corrigidos para criar as representações cartográficas.

Especificamente para confecção do mapa de cobertura e uso da terra, foram utilizadas imagens do sensor TM a bordo do satélite Landsat 5 (resolução espacial de 30m), adquiridas no site do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE - <http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>), imageadas em 16/08/2011. Foi necessária a aquisição de imagens referentes a duas órbitas/ponto (222/72 e 222/71) para contemplar toda extensão do município de Trindade, sendo re-projetadas utilizando 35 pontos de controle, o que resultou em um erro médio aproximado de 0,35 pixel. A etapa seguinte consistiu na classificação supervisionada utilizando o algoritmo *Support Vector Machine* (SVM) em um programa de processamento de imagens. Após a classificação das imagens, foram realizados os procedimentos de inspeção visual e correções vetoriais, a fim de melhorar a qualidade do levantamento da cobertura e uso do solo de Trindade.

Na figura 4 é apresentado fluxograma esquemático, que apresenta todos os procedimentos metodológicos para construção dos produtos cartográficos, apresentando fonte, processos e produtos.

Figura 4 - Fluxograma esquemático referente ao conjunto de dados e procedimentos metodológicos envolvidos na produção dos produtos cartográficos.



Organização: Silvio Braz de Sousa

Utilizamos a imagem IKONOS (2002) que apesar de desatualizada, foi a única imagem de alta resolução disponível. Todavia, associada a ela foram utilizadas imagens de outros sensores e até mesmo o google earth para desenho de feições. Porém, ressalta-se que o fulcro locacional foi reservado para este plano de informação (IKONOS).

Ao mesmo tempo em que era elaborado o Atlas Escolar Municipal de Trindade, também preparamos o campo de pesquisa com as professoras envolvidas. Assim, para examinar e traçar um perfil do grupo, foi aplicado um questionário de sondagem preliminar afim de colher informações sobre formação, experiência docente, identidades, comportamentos e atitudes de cada uma das professoras. O questionário também foi instrumento motivador das professoras examinarem seus conhecimentos e práticas docentes além de sugerir-lhes uma auto-análise para pensar a prática a partir da formação inicial, envolvendo o processo de aprendizagem docente, os conhecimentos e experiências cotidianas na disciplina de Geografia, do estudo do lugar e do ensino desse conteúdo.

Nesse contexto, lançamos algumas questões: os professores consideram importante abordar o espaço local nas aulas de Geografia? Possuem conhecimento sobre a localidade

onde moram/trabalham? Quais fontes de pesquisa utilizam para o estudo do espaço local? E, por fim: o que os professores pensam (no sentido de opinar) e sentem sobre a localidade em que estão inseridos?

Santos (2007) discute a relação entre professores e os saberes que precisam dominar para exercer a prática docente, mediadora e criadora dos conhecimentos práticos fundamentais para formar a identidade do docente. Essa identidade desenvolvida é tanto profissional, como pessoal, social e histórica. Nesse sentido, suas ações são influenciadas pelas ações do coletivo em diversas dimensões, inclusive na escola.

Diante do exposto e com vistas a responder às questões acima propostas, propusemos um questionário (anexo I), transcrito adiante, com várias perguntas abordando aspectos como a formação profissional e os saberes docentes sobre o lugar, no caso específico, sobre o município de Trindade. Registramos como parte teórica e empírica as respostas dos questionários aplicados às professoras do Ensino Fundamental I.

Um total de 10 professoras participaram da pesquisa e registramos os grupos assim distribuídos: Deste número total, 6 professoras responderam completamente o questionário e 4 professoras, foram acompanhadas em sala de aula de modo sistemático por pertencerem aos 4º e 5º anos.

Fizemos uma análise das respostas dos questionários, relacionando-as, quando pertinente, com autores que abordam os saberes docentes. Na parte teórica desse tópico, nos baseamos no fundamento de Tardif (2002, p. 68). Para o autor, os saberes dos professores são pessoais e classificam-se em saberes adquiridos na formação básica, saberes construídos na formação profissional, saberes difundidos em programas e livros didáticos utilizados no trabalho e saberes da sua própria experiência na profissão, na sala de aula e na escola. O autor defende a tese de que “o desenvolvimento do saber profissional é associado tanto às suas fontes e lugares de aquisição, quanto aos seus momentos e fases de construção”. Complementando essa ideia, Pimenta (1999, p.45) afirma que a identidade docente é construída antes e depois da formação e nela se constituem os “conhecimentos didático-pedagógicos e os conhecimentos da prática profissional”.

Dividimos a análise do questionário em tópicos. Foram feitas perguntas sobre aspectos dos saberes da experiência, o que inclui a formação da identidade pessoal e profissional das professoras; saberes docentes, o que compreende aspectos da formação inicial e continuada; conhecimentos sobre a localidade e as fontes de pesquisas mais utilizadas para abordar o

tema. Nesse contexto, delimitamos a seguir, os tópicos de modo específico. A fim de resguardar suas identidades, as professoras foram nomeadas de P1, P2, P3, P4, P5 e P6.

2.1 Investigação do grupo de professoras: identidades pessoais e profissionais

No início do questionário, solicitamos que as professoras respondessem por escrito perguntas do tipo: “Local onde mora” e “Local de Nascimento”. Nesse aspecto verificamos que apenas 2 professoras nasceram em Trindade, entretanto 6 professoras moram já há algum tempo no município e apenas 2 se deslocam para Trindade todos os dias para exercer a profissão. É relevante considerar que os saberes da experiência, formadores da identidade pessoal e profissional das professoras que nasceram e/ou que moram em Trindade são diferentes daqueles saberes das professoras que não nasceram e/ou não moram no município em estudo.

Ainda sobre os saberes da experiência, foi feita a seguinte pergunta: “O que você pensa e sente sobre a cidade de Trindade? Qual o significado da cidade para você? ”.

Os critérios para a seleção das professoras citadas partiram de experiências pessoais, ou seja, a professora P5, apesar de não ter nascido em Trindade, mora no município há 29 anos, já a professora P1 – pedagoga e também geógrafa – nasceu em Corumbá de Goiás e, atualmente, mora em Goiânia.

Na fala da professora P5, o significado de Trindade é o de uma:

[...] cidade de origem religiosa, boa de morar, que habita várias nações do país. Para mim significa a vida, alegria e esperança, porque nela vivo há 29 anos com a minha família e tenho como minha terra natal. Mas, por outro lado, sinto que é preciso que haja mais cuidados em todos os aspectos: social, educacional, justiça e até mesmo moral para que não perca a sua credibilidade aqui mesmo e lá fora. Quanto à educação melhorou porque colocaram pessoas capacitadas na direção e em sala de aula”.
(Professora P5)

A ênfase dada pela professora é a origem religiosa de Trindade. Outro aspecto que fica claro é o grau afetivo que ela demonstra pela cidade de Trindade, que é, como diz, sua “terra natal”, e para ilustrar esse sentimento, utiliza as expressões “vida”, “alegria”, “esperança”, ou seja, a professora expressa identidade amorosa com o município de moradia. Chama atenção a preocupação da interlocutora com a cidade, do ponto de vista social. Isso, a nosso ver, demonstra o sentimento de cidadania, a preocupação com ética, política, educação, justiça, o espaço público, que é um direito e ao mesmo tempo responsabilidade de todos.

Consideramos que estes conhecimentos elaborados na experiência dos professores com a localidade são importantes, pois é a partir das práticas espaciais cotidianas com/no espaço que as pessoas adquirem informações e conhecimentos geográficos.

A professora P1 também deixou registrado o que Trindade significa para ela:

O meu olhar sobre a cidade de Trindade é que ela é uma cidade promissora no aspecto religioso e também no desenvolvimento econômico e com isso os problemas ambientais também vão crescendo principalmente com a questão populacional desordenadamente, agravando as questões ambientais, de ordem econômica e também sociais, contribuindo para uma grande massa de pessoas de baixa renda e um nível de pobreza desenfreada, onde a educação é mínima na vida das pessoas e assim fazendo com que a cidade se projete de uma forma diferente principalmente sendo uma cidade da fé de grande pólo industrial. Portanto devido a aglomeração de pessoas tem as questões de infra-estrutura e questões sociais e sócio-econômico. (Professora P1).

Apesar da falta de clareza e coerência argumentativa, a professora P5 citou a religião como uma das atividades que mais desenvolvem o município, inclusive economicamente. Mas a professora utiliza também de seus conhecimentos à priori, da formação específica em Geografia, para citar a cadeia de impactos ambientais que advém do desenvolvimento econômico e populacional. Cita a pobreza que cresce no município, a falta de infraestrutura e o investimento insatisfatório no município, na educação, em consequência dos problemas citados. Segundo a professora, a cidade tem uma imagem diferente daquela de “capital da fé” e de “grande pólo industrial”. Quando relacionamos as duas falas da P1 e da P5, observamos singularidades que se entrelaçam e se complementam de modo fundamental, como a afetividade expressada na fala da P5, e a visão da cidade para a P1 como um objeto nítido de estudo e de observação.

Conforme Tardif (2002), estes saberes experienciais, expressados, sobretudo na fala da P5, são adquiridos fora das instituições de formação e são extracurriculares, não são saberes sistematizados em teorias. São saberes práticos que formam um conjunto de representações interpretadas pelos professores e que orientam a sua prática cotidiana em suas diversas dimensões. Nesse sentido, a professora P5 tem um envolvimento maior com os saberes práticos da experiência, enquanto a professora P1 demonstra um saber mais relacionado com o conhecimento acadêmico.

Para Santos (2007), os conhecimentos geográficos elaborados pelos professores na experiência com a localidades são importantes, pois a partir das práticas espaciais cotidianas com e no espaço é que as pessoas adquirem informações e conhecimentos geográficos. Esses saberes elaborados pelos professores durante as práticas espaciais cotidianas são, concomitantemente, sociais, pessoais e pragmáticos.

2.1.1 Formação inicial e continuada

Sobre a formação inicial das docentes, todas são pedagogas. Algumas também fizeram Magistério. Dentre estas, a professora que já nos referimos no tópico anterior (a P1) possui Licenciatura em Pedagogia e também em Geografia. Considera-se importante ter como membro do grupo de professoras uma professora licenciada em Geografia, pois o conhecimento específico que ela possui pode ser compartilhado com o conhecimento das demais professoras.

Sobre aspectos da formação acadêmica inicial, as professoras não estudaram sobre a cidade de Trindade, isto é, sobre a cidade sede da escola pesquisada. Portanto, improvisaram formas de se trabalhar com o espaço local nas aulas, utilizando o livro didático e/ou recorrendo às fontes como internet, cartilhas de turismo entre outros recursos.

Sobre a formação continuada, a maioria das professoras afirmou frequentar cursos de capacitação profissional docente, apesar dos cursos não enfatizarem a localidade (Trindade). As professoras argumentaram que essa ausência de destaque deve-se à falta de interesse e de envolvimento nas políticas públicas da Secretaria de Educação do município. Acreditamos que a falta de enfoque dos cursos de capacitação está ligada à falta de material que contemple o estudo da localidade para o ensino de Geografia.

Apesar da localidade não ser abordada na formação inicial e continuada, as professoras revelaram significativo interesse em aprender mais sobre o município de Trindade e sobre as formas e alternativas de se ensinar esse conteúdo. Manifestaram-se dispostas e receptivas quanto à participação e colaboração na pesquisa, contribuindo com sugestões e com material pedagógico, como textos, poesias locais e atividades para a construção do material didático destinado ao ensino de Trindade.

Sobre as fontes de pesquisa para as aulas com o enfoque na localidade, grande número das professoras entrevistadas destaca que procura adequar as suas aulas com as raras fontes disponíveis, mas enfatizam: “*são poucas e de baixa qualidade*”. Algumas ainda relataram que utilizam textos e livros antigos da história de Trindade, mas que tais livros não abordam dados atualizados do município, tornando-se materiais insatisfatórios para o estudo, sobretudo de Geografia. Também foram destacados como instrumentos de pesquisa os vídeos e a internet.

2.1.2 O conhecimento da localidade e sua importância para o ensino de Geografia

Questionadas se os conhecimentos que possuem lhes permitem abordar a localidade em suas aulas a contento, cinco professoras responderam que sim, e que estes conhecimentos foram adquiridos em estudos, pesquisas, passeios, livros didáticos, apostilas, internet, entrevistas e cursos de treinamento. Três professoras responderam que não possuem conhecimentos necessários para abordar o conteúdo em suas aulas, e que os materiais didáticos disponíveis não permitem o conhecimento do município. Na resposta, uma delas revelou que gostaria de aprofundar mais o estudo da localidade.

No quadro 4, é possível conferir, na íntegra, as respostas de quatro professoras a duas perguntas fundamentais, 1: “Em sua opinião, qual a importância da Geografia na formação dos seus alunos?” e 2: “Na sua opinião, qual a importância de estudar a localidade?”.

Quadro 4 – Importância da Geografia na formação dos alunos e importância de estudar o lugar

Professoras	Importância da Geografia na formação dos alunos	A importância de estudar a localidade (Trindade)
P6	"De situar o aluno no meio em que vive e ter conhecimento do mundo"	"Faz com que o aluno aprenda a distinguir os principais pontos de localidade onde se deve seguir."
P3	"Trabalhar o lugar que vivem, fazer relações com outros lugares, observar, descrever, representar e construir explicações."	"O aluno precisa conhecer seu município, seu bairro, sua localidade em que vive".
P1	"A Geografia é importante na localização do espaço, também sobre a mobilidade urbana, o povoamento de algumas regiões, o crescimento populacional, desenvolvimento do país."	"Vejo que o aluno precisa situar onde mora é por isso que ele precisa estudar a localização. Tem que conhecer o micro para depois o macro".
P5	"É importante por que conhece o lugar onde vive e de outras pessoas"	"É importante porque o aluno passa a conhecer o município e o lugar em que mora, endereço da casa etc. Também aprende valorizar a cidade e a si próprio."

Fonte: Questionário

Organização da autora

Na fala das professoras, apresentadas no quadro 4, percebemos a falta de um conhecimento mais específico sobre a importância real dos conhecimentos geográficos para a formação do aluno. Contudo, na análise da P1 verificamos diferentes aspectos de abordagem da Geografia, como a mobilidade urbana, população e desenvolvimento socioeconômico. As professoras P6, P2 e P5 se referiram à Geografia como sinônimo de localização, dando ênfase

ao estudo do lugar. Por um lado, as respostas das professoras mostraram o envolvimento com o projeto e revelam que a importância da Geografia é intrínseca ao estudo do lugar. Por outro lado, é relevante considerar que a Geografia não se reduz apenas ao lugar. Concordamos com teorias que defendem o ensino de Geografia, especificamente o estudo do lugar, como ponto de partida. O aluno deve compreender seu espaço concreto, bairro e município, até abranger escalas maiores, como o estado, região e país. Não se trata, portanto, de abordar o espaço sob a forma de círculos concêntricos, isolados, pois se deve deixar claro a existência de uma inter-relação entre os elementos espaciais em suas diversas escalas.

Segundo Almeida e Passini (2008 p. 12-13),

O professor deve estar consciente de que o espaço próximo para ser analisado precisa ser abordado em relação com outras instâncias, especialmente distantes. Nesse processo a realidade é o ponto de partida e de chegada. De sua observação o aluno deve extrair elementos sobre os quais deve refletir e a partir disso ser levado à construção de conceitos.

Sobre qual aspecto da cidade deve ser mais explorado, três professoras destacaram o bairro, ruas e escolas. Duas professoras citaram os aspectos sociais, econômicos e políticos da cidade. E uma professora ressaltou a cidade, sua história e formação.

Na análise geral dos resultados do questionário, verificaram-se ao longo das respostas das professoras, seus esforços no sentido de contribuir com o conhecimento da Geografia, na busca de fontes de conhecimento e pesquisa para abordar a localidade em suas aulas. Mesmo que não tenham sido amparadas na formação inicial e continuada com o conteúdo da localidade, todas possuem - ao seu modo - os saberes adquiridos na prática pedagógica e na experiência de vida.

Contando com os saberes das professoras, adquiridos tanto na prática pedagógica como na experiência de vida, e com o fim de oferecer subsídios para orientar o trabalho docente na utilização do atlas em sala de aula, propusemos realizar algumas oficinas de formação continuada para contribuir na construção de noções básicas da Cartografia. Nesse contexto, dando continuidade a metodologia da pesquisa, agora instruindo o grupo da professoras envolvidas, apresentamos no tópico a seguir como se desenvolveram as oficinas de formação, que também serviram como uma proposta de formação continuada.

2.2 Oficinas de formação: noções básicas de Cartografia para a formação continuada das professoras

Para utilizar o Atlas Escolar de Trindade nas aulas, as professoras necessitam de uma base, isto é, precisam ter noções básicas de Cartografia. Com o intuito de auxiliá-las na construção dessas noções, foram realizadas três oficinas durante o 1º semestre de 2013, conforme a descrição que se segue.

A primeira oficina de formação realizada foi denominada “Construindo uma rosa dos ventos”. O material utilizado foi 1 papel cartaz e 1 pincel atômico. O objetivo principal dessa oficina foi relembrar as direções cardeais (Norte, Sul, Leste e Oeste) e colaterais (Nordeste, Sudeste, Noroeste e Sudoeste), para indicar o sentido de certos locais de referência do município de Trindade.

Nosso esforço, a princípio, foi que as professoras entendessem as direções cardeais e colaterais ao utilizarem os mapas do Atlas Escolar Municipal de Trindade. O exercício consistiu em estendê-los no chão e alinhar a rosa dos ventos construída na oficina com a que está impressa nos mapas. Assim poderiam auxiliar os alunos a construir a real orientação geográfica de Trindade a partir do próprio espaço escolar. Por meio do mapa, o professor, que agora dispõe de noções de orientação, pode solicitar aos alunos que localizem o sentido de determinados pontos estratégicos da cidade, como o Santuário Basílica do Divino Pai Eterno, o lago, a prefeitura etc. Nesse sentido, os estudantes devem, então, visualizar aqueles pontos da cidade e comparar com as direções descobertas por eles através do mapa. A oficina também teve como meta, levar as professoras a compreenderem as diferentes formas de exploração da rosa dos ventos no ensino de Geografia. Uma delas é verificar que o caminho aparente do sol no céu, varia ao longo do ano. Portanto, a concepção de que o Sol sempre nasce “exatamente” no leste e se põe no oeste foi desconstruída. Com o instrumento da rosa dos ventos em mãos, a professora pode levar os alunos a verificar essa variação no decorrer do ano. Na figura 5 verificamos uma atividade empregada em sala pela professora P4 utilizando a rosa dos ventos construída na oficina.

Figura 5 - Rosa dos ventos construída na oficina sendo aplicada em sala de aula



Fonte: acervo da autora (25/03/2013)

Em outra oficina oferecida para as professoras, intitulada “Como fazer uma bússola?”, falamos um pouco sobre esse instrumento de orientação e de navegação. Foi explicado que entre os componentes da bússola existe uma agulha magnetizada que aponta sempre para o norte magnético da Terra. Destacamos as diferença entre o norte magnético do norte geográfico e começamos a experiência da construção da bússola. Para isso, as professoras deveriam ter os seguintes materiais em mãos: 1 pires branco, um pouco de água, 1 caneta de marcar disco compacto (CD), 1 imã, 1 agulha e 1 rolha. Para a realização dessa oficina, as direções cardeais (já trabalhadas na oficina da rosa dos ventos) foram escritos no pires branco com a caneta de marcar CD para não apagar. A ponta da agulha foi imantada com o imã e, logo após, foi introduzida na rolha. Colocamos um pouco de água sobre o pires e colocamos a agulha com a rolha sobre a água. Observou-se que ponta da agulha se direcionou para um sentido. A experiência revela que a ponta da agulha (imantada) se direciona sempre para o norte. Com essa experiência, as professoras tiveram noção da direção do norte magnético a partir da escola.

A terceira oficina, chamada de “Oficina de localização”, foi oferecida para as professoras que já tinham em mãos alguns mapas do Atlas em formato A2, como o mapa de localização, planta urbana, e mapas de bairros e unidades escolares de Trindade. Também foi utilizada a rosa dos ventos construída em oficina anterior e uma planta urbana de Trindade disponível na escola.

Os objetivos dessa oficina foram explicar a diferença entre mapa e planta e localizar no mapa o bairro da escola Selma Ferreira dos Santos, indicar qual o sentido (Norte, Sul, Leste e Oeste) da escola em relação à um ponto específico da rodovia GO-060 e demonstrar que as pranchas dos bairros do Atlas Escolar Municipal de Trindade são partes da área urbana do município, agora visualizada num mapa de escala maior. Pode-se observar um momento do desenvolvimento da oficina de localização na figura 6.

Figura 6 - Realização da oficina de localização



Fonte: acervo da autora (22/02/2013)

Após oferecer as oficinas para as professoras, tendo em vista prepará-las para a experiência com o Atlas Escolar Municipal de Trindade, iniciamos as nossas observações das aulas de Geografia, com as professoras utilizando o material em sala.

CAPÍTULO 3 – A CONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS E O ATLAS ESCOLAR MUNICIPAL DE TRINDADE: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) no título VI recomenda que a formação de profissionais da educação deve ser fundamentada nos seguintes aspectos: na “[...]associação entre teoria e prática, inclusive mediante a capacitação em serviço, no aperfeiçoamento profissional continuado; período reservado para estudos, planejamento e avaliação incluídos na carga de trabalho”.

Segundo Mendes e Sobrinho (2007), o objetivo da formação continuada é atender aos aspectos básicos da formação inicial, a partir da atualização teórica e prática permanente, habilitando os sujeitos envolvidos para uma prática reflexiva, investigando criticamente a sua própria prática, contribuir para a formação de sujeitos ativos e transformadores da escola.

Nesse contexto, o principal papel da formação continuada é cíclico porque deve possibilitar a aplicação dos princípios teóricos na discussão da prática. Provocando a reflexão dos conceitos apreendidos pelo professor no universo da realidade cotidiana, como 'pano de fundo' do trabalho pedagógico, cuja prática docente promove por sua vez a reflexão ampliada.

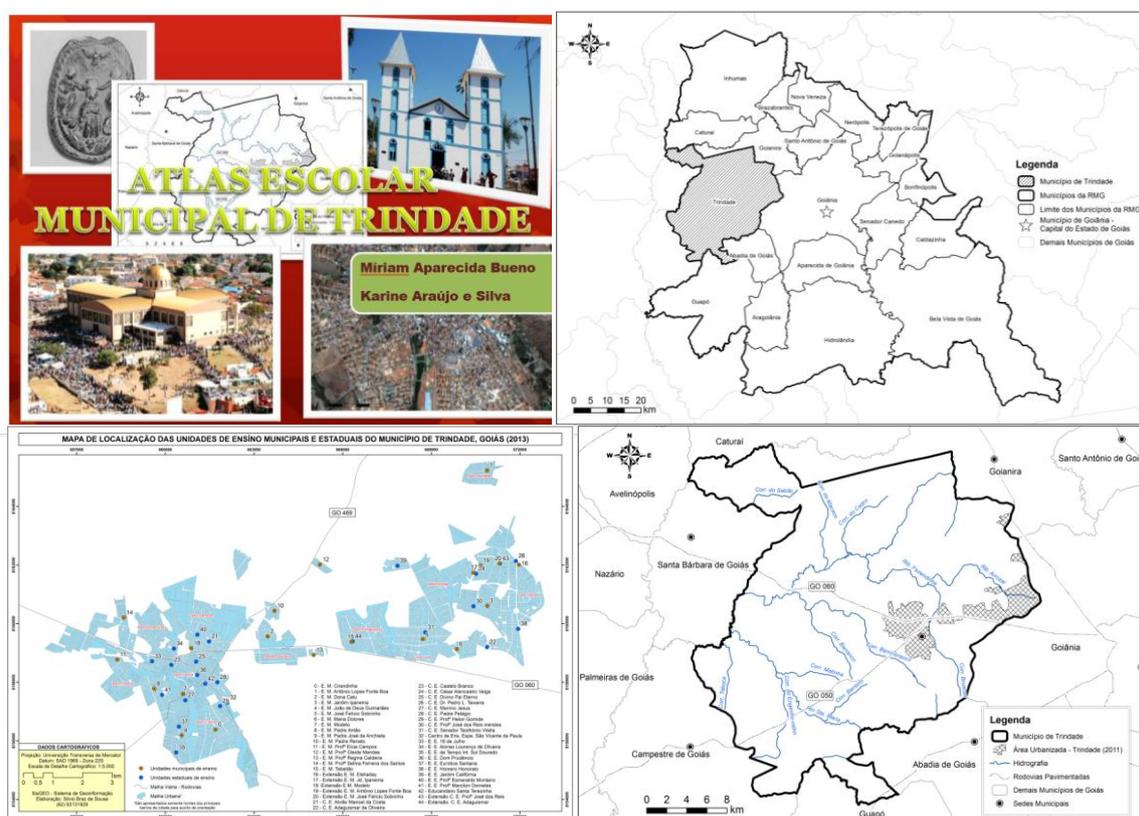
Neste trabalho, consideramos a formação continuada que vincula o conteúdo teórico do espaço local e da Cartografia à prática, por meio da utilização e elaboração do Atlas Escolar Municipal de Trindade que como instrumento, auxilia a preencher as lacunas decorrentes da formação inicial do docente e supre a falta de material específico sobre o lugar. Assim, promove, ao mesmo tempo, a formação continuada de professores, articula a teoria - formadora de habilidades e competências necessárias para o exercício docente - com a prática. O processo que articula esses dois saberes é a construção por meio do estudo, da elaboração e da utilização de um instrumento que apresenta informações inacabadas - portanto deve ser construído ao lado dos alunos.

Elaboramos o presente capítulo no intuito de expor a análise em cujo contexto descrevemos as anotações e registros do processo formativo. Nesse processo, apontamos a construção dos conceitos geográficos bem como a formação continuada das professoras envolvidas na utilização do Atlas Escolar Municipal de Trindade. A ênfase dessa análise, portanto, é a prática reflexiva capaz de unir dois saberes, o saber teórico e o saber prático, que se vinculam na aplicação do Atlas Escolar Municipal de Trindade, contando com as professoras responsáveis pelo Ensino Fundamental, de modo especial do 4º e 5º anos. Nesse

sentido, passamos a seguir as descrições do modo como se desenvolveram as atividades preliminares.

No início do ano de 2013 encerramos as atividades de elaboração do Atlas Escolar Municipal de Trindade. Com o início do ano letivo na escola, participamos do trabalho coletivo com o objetivo de planejar nossas atividades na escola. Nesse encontro, distribuímos o boneco do Atlas juntamente com alguns mapas avulsos de Trindade em formato A2, a saber: mapa de localização de Trindade, mapa da Região Metropolitana de Goiânia e mapa das unidades escolares do município de Trindade. Podemos observar a seguir, o material distribuído na reunião com as professoras:

Figura 7: Material distribuído na reunião com as professoras (Boneco do Atlas e mapas)



Fonte: BUENO; SILVA (2013)

A princípio, o trabalho coletivo constituiu-se do nosso auxílio no planejamento anual e na seleção dos conteúdos a serem trabalhados durante cada bimestre. Esse planejamento foi baseado no Currículo Referência da Rede de Educação do Estado de Goiás, norteador das escolhas das pranchas que poderiam ser utilizadas pelas professoras. Conforme já vimos no capítulo anterior (quadro 3), os conteúdos que devem ser trabalhados no 4º e 5º anos do

Ensino Fundamental se referem ao estudo do lugar. Baseando-se nestes conteúdos, elaboramos o quadro 5, sobre as possibilidades de utilização das pranchas para atender o currículo e auxiliar na construção dos conceitos geográficos. Consideramos esse momento de planejamento importante, pois fez parte do processo de formação das professoras.

Quadro 5 – Conteúdos, conceitos geográficos e possibilidades de ensino com o Atlas

Conteúdo programático presente no Currículo Referência do Estado de Goiás - 4º e 5º anos	Pranchas do Atlas Escolar Municipal de Trindade	Conceitos geográficos básicos
Localização geográfica	Trindade em Goiás e no Brasil Minha moradia, meu município Região Metropolitana de Goiânia Localização de Trindade Planta Urbana de Trindade Trindade em uma imagem de satélite Bairros de Trindade	Lugar, estado, município, cidade, bairro, orientação e localização
Paisagem urbana e rural: características	Paisagens do município Vegetação do município Tempo que faz Água no município Comunidades rurais Clima na região de Trindade Meio ambiente no município Uso da terra de Trindade e Goiânia Agricultura e Pecuária no município Produção agrícola e feiras	Paisagem, vegetação, clima e tempo, urbano e rural, meio ambiente, agricultura e pecuária
Aspectos populacionais	População de Trindade Estrutura da população em Trindade Origem e história de Trindade Indústria no município Serviços no município Comércio no município Turismo em Trindade	Pirâmide etária, migração, setores da economia

Fonte: Adaptado de BUENO, 2008.

No trabalho coletivo também definimos os dias em que as aulas seriam ministradas: às quartas e às sextas-feiras. De acordo com as decisões acordadas, iniciamos o

acompanhamento das aulas de Geografia das professoras que aqui nomeamos P1 e P2 do 4º ano e P3 e P4 do 5º ano.

Além das observações em sala de aula, foi realizada uma entrevista individual com cada participante no início do segundo semestre de 2013 a fim de verificar aspectos do processo formativo individual e coletivo a partir da experiência com o Atlas. As questões abordadas giram em torno dos aspectos que julgamos pertinentes ao processo de formação continuada das professoras. A análise das aulas, aqui denominadas ‘casos de ensino’, vem em primeiro momento, e em seguida observamos o resultado da entrevista.

Dando continuidade às estratégias metodológicas explicadas no capítulo anterior, como 4º e última etapa da pesquisa, fundamentada em Freire (1984), propomos investigar e expor os registros e anotações do processo de construção dos conceitos geográficos, bem como a formação continuada das professoras envolvidas através da utilização do Atlas Escolar Municipal em suas aulas.

Consideramos como ponto reflexivo crítico, ou dificuldade de acompanhar a dinâmica da escola, o fato da mesma trocar as professoras quase que permanentemente. O registro é importante como justificativa à informação de que, durante o acompanhamento das aulas, houve uma rotatividade das professoras.

Dentre as aulas observadas, escolhemos aquelas que apontavam elementos pertinentes para a discussão no contexto dessa pesquisa.

3.1 Caso de ensino 1 - “Trindade a capital da fé”

A primeira aula que observamos tinha como tema “Trindade: a capital da fé” e era a continuidade de uma aula anterior, na qual a P1 ainda não tinha o Atlas Escolar Municipal de Trindade em mãos.

Diante dessas primeiras afirmações, cabem algumas questões: Quais as fontes utilizadas pela professora para o ensino de Trindade? Como se desenvolve a aula, sem o Atlas Escolar Municipal de Trindade?

O instrumento de trabalho da professora nessa aula era ‘o Guia turístico de Goiás de 2003’ e o um dos materiais que fornecemos: o mapa de localização de Trindade. A P1 utilizou o Guia para falar sobre os vários aspectos do município como; população e municípios limítrofes, dentre outros que descreveremos a seguir. A aula foi expositiva-dialogada,

seguindo a sequência: a professora escrevia o texto no quadro e dialogava sobre ele com os alunos.

Nessa aula, um dos assuntos eram os dados populacionais de Trindade, quantificados pela P1. Na fala da professora, vale destacar: orientada pelo Guia turístico de Goiás de 2003, Trindade possui 82.000 mil habitantes.

Não percebemos na sua fala ou na escrita no quadro, uma referência mais precisa ou algo que indicasse que o Guia estivesse desatualizado, como observamos.

Nesse sentido, como pesquisadora e formadora, sugerimos uma análise mais cuidadosa do material pela professora, no sentido de atualizar os dados, utilizando os dados do último censo do IBGE (2010), que mostra uma população de 104.000 habitantes em Trindade. Esse foi um momento importante, uma vez que propiciou um debate interessante, dando subsídios e inspiração à professora para dialogar com os alunos sobre outros aspectos fundamentais, como as várias transformações que ocorreram no tempo-espaço desde a publicação daquele Guia turístico. Da pauta, agora rica, surge a explicação dessas transformações, do seu dinamismo como os processos de migração e a natalidade que respondem pelo crescimento populacional.

Dando continuidade à aula observada, o material usado pela professora também trouxe outro dado controverso: Trindade contava com sete municípios limítrofes; porém, a partir do levantamento cartográfico que fizemos para a construção do atlas, constatamos que Trindade conta não com sete municípios, como registrado na referência do Guia, mas sim com oito municípios limítrofes. Com o apoio das pesquisas do atlas e do mapa de localização do município, novamente sugerimos uma nova compreensão, uma atualização dos dados estatísticos do município de Trindade. Os municípios foram citados um a um para a melhor compreensão dos alunos, são eles: Abadia de Goiás, Avelinópolis, Caturaí, Campestre de Goiás, Goiânia, Goianira, Guapó e Santa Bárbara de Goiás.

Percebemos que a prática docente torna-se fragilizada sem um material didático apropriado que trata do lugar. Outro aspecto que chama a atenção é quanto às fontes utilizadas para o estudo do município. Vale ressaltar que o material didático também é fundamental no sentido de sustentar a formação de identidade do aluno, mais adiante esclareceremos o porquê.

O material utilizado na aula também trazia informações de Trindade, como a área, altitude e distância da Basílica do Divino Pai eterno à cidade de Goiânia. O lazer do

município também foi citado: o lago, as três represas e o ginásio de esportes. Quanto a esse tema, durante a explanação do tema a professora fez a seguinte pergunta para os alunos:

P1: “Qual lazer tem em nosso município? ”.

Aluno: “Os shoppings”.

A resposta do aluno nos causou certa estranheza, uma vez que, primeiro, em Trindade não há shoppings, e segundo, o aluno não citou Trindade, onde nasceu, estuda e enfim, vive como referência. Então pergunto: Por que o aluno respondeu shoppings? Penso que adiante poderemos voltar a esse tema.

Essa aula foi encerrada com uma atividade na qual, utilizando o mapa de localização de Trindade, os alunos teriam que calcular a distância de Goiânia à Trindade, identificar no mapa as rodovias que cortam o município e responder as perguntas estudadas e dialogadas com a professora durante a aula, tais como: Quando surgiu Trindade? Quais foram os pioneiros responsáveis pela sua criação?

No caso de ensino descrito, há dois elementos para análise. Primeiro: A utilização de um material desatualizado que a P1 já tinha (Guia turístico de Goiás, 2003). E segundo: o shopping como referência de lazer para o aluno.

No primeiro momento, a professora não percebeu a desatualização dos dados populacionais do município, é como se considerasse estes dados estáticos. Após a nossa intervenção com os dados atualizados, adquiridos a partir do levantamento das informações para o atlas, a professora aproveitou o momento para explicar para os alunos sobre as mudanças no tempo-espaço de Trindade que influenciaram o crescimento populacional.

Nesse contexto, cabe a fala de Cavalcanti (2012, p.19), quando afirma que o professor é um profissional em formação contínua e permanente, e se faz importante que este esteja “preocupado em ampliar seu universo cultural, ‘ligado’ nos acontecimentos que ocorrem em seu meio mais imediato e no mundo, conhecendo e vivenciando o mais possível as práticas sociais do seu tempo”. Assim, é importante que o professor acompanhe a atualidade e tenha uma visão crítica das fontes às quais recorre para planejar a sua aula.

No momento em que a professora se utiliza dos conceitos de migração e natalidade para explicar o crescimento populacional de Trindade, já percebemos um processo de reflexão do/sobre o material utilizado pela professora, sobretudo uma reflexão crítica de sua prática docente.

Essa situação de ensino evidencia a relevância do uso do Atlas Escolar Municipal de Trindade, uma vez que consegue preencher lacunas diante da carência de material didático

municipal e também da atualização das publicações voltadas para a área específica de Geografia.

Em depoimento, após o acompanhamento da aula, a professora P1 disse que as informações sobre o município não eram encontradas em nenhuma fonte específica e o que “*existia sobre Trindade*” era encontrado de modo genérico, apenas na internet. A professora também se referiu ao Atlas como uma base: “*Uma coisa que você busca, uma fonte rica para que eu possa trabalhar juntamente com os alunos*”. E acrescenta:

[...] Eu tinha que produzir esse material, tinha que ir em busca e às vezes não era fonte segura, às vezes você encontra uma informação que é desconhecida com a outra, é uma que foi publicada, aí você vai pesquisar na internet, aí as mesmas características mas com outra classificação diferente. O importante do Atlas é isso: fontes seguras.

Voltando ao aluno que cita shoppings como opção de lazer, como não há shoppings em Trindade, deduzimos que ele estaria falando da cidade de Goiânia para falar sobre o lazer. Verificamos a influência ideológica por um lado, a falta de identidade com o município de moradia, e a falta de opções de lazer por outro. Mas há vários aspectos para analisar nessa questão: por não conhecer o lugar (o município), ele citou o shopping para reproduzir uma ideia enraizada de que o lazer é no shopping; essa visão também pode estar ligada ao fator de proximidade entre Goiânia e Trindade. Isso mostra também uma integração que é típica de regiões metropolitanas. Outro aspecto recorrente é a migração pendular, em outras palavras, muitos moradores saem de Trindade para exercer múltiplas atividades na capital, inclusive o lazer.

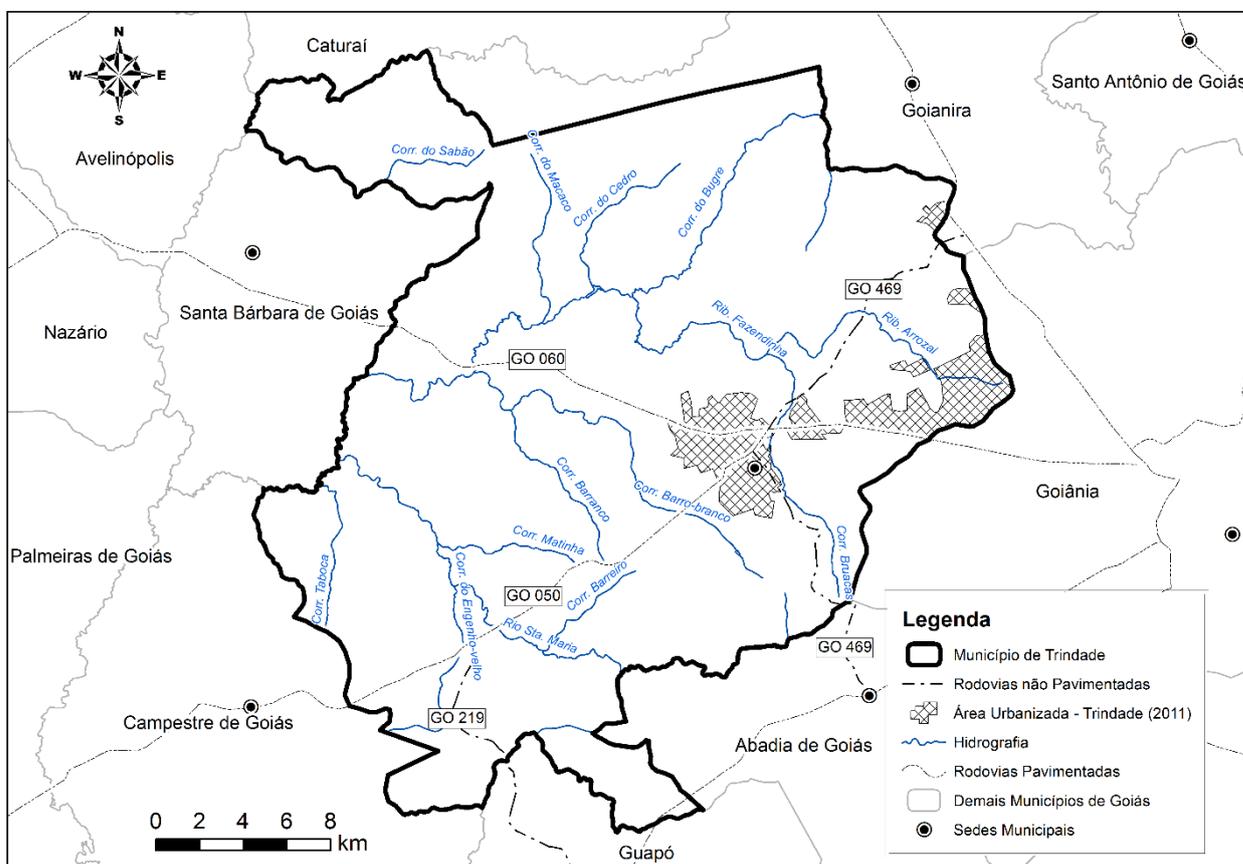
Nesse contexto, o Atlas Escolar Municipal de Trindade se faz relevante, pois reforça e indica referencialmente o marco e a singularidade de Trindade não só a alunos e docentes, mas também a pesquisadores e à comunidade em geral, sobre as diferentes opções de lazer, de trabalho e de compartilhamento do espaço público do município, o que contribuirá para formar a identidade e o espírito de pertencimento dos trindadenses com o lugar no qual vivem e compartilham na construção comum.

3.2 Caso de ensino 2 – O município de Trindade

No caso de ensino 1, analisamos uma situação que a professora não tinha o Atlas em mãos. Dando andamento às observações das aulas, comparamos agora no caso de ensino 2, que a P1 já tem em mãos o Atlas Escolar Municipal de Trindade.

Os recursos utilizados para essa aula foram: O atlas, o livro didático e o mapa de localização de Trindade (Figura 8), devidamente fotocopiado e entregue para cada aluno colar em seu caderno.

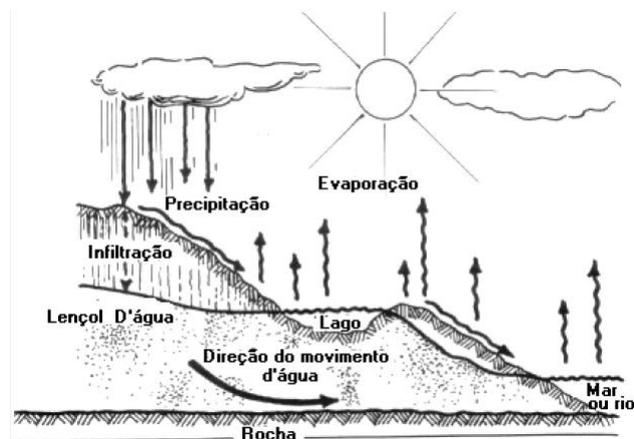
Figura 8 – Mapa de localização de Trindade



Fonte: BUENO; SILVA (2013)

Utilizando-se da prancha do atlas ‘Água no Município’, a P1 desenhou, no quadro, um croqui do ciclo da água baseado no desenho esquemático contido no atlas (Figura 9) e explicou o caminho que a água percorre. Podemos verificar o croqui a seguir:

Figura 9 – O ciclo da água



Fonte: BUENO; SILVA (2013)

Em seguida, pediu para os alunos abrirem o livro didático e realizarem a leitura do texto “Transformações e problemas do espaço urbano” o qual podemos conferir na Figura 10:

Figura 10: Texto do livro didático “Transformações e problemas do espaço urbano”

Transformações e problemas do espaço urbano

Leia com atenção o texto a seguir.

E tudo mudou...

Contam que antigamente os moradores das cidades reclamavam do chiado dos carros de boi e não gostavam nada dos cocôs de burros, cavalos e bois, que davam um cheiro de estábulo às ruas das cidades. Quando chegou o bonde elétrico, havia os que olhavam com desconfiança para aquele “monstro de ferro que andava sozinho”.

Ano após ano, as cidades foram crescendo, e quem nelas vivia nem percebeu. Imagine só a cara de espanto que fariam os moradores da pequena Vila de São Paulo de Piratininga, da velha cidade de São Salvador ou da Recife de antigamente, se hoje vissem como cresceu a sua cidade.

A ilustração mostra a transformação urbana. No topo, há uma cidade antiga com casas de telhado de barro, um carro de boi puxado por um homem e um bonde elétrico verde. Abaixo, há uma cidade moderna com edifícios altos, carros e pessoas andando.

Fonte: Timbó, 2011 (5º ano)

O texto fala das transformações na cidade, utilizando como exemplos a cidade de São Paulo (SP), Recife (PE), e São Salvador (BA).

Após a leitura, mediante as informações do texto, a P1, voltou a análise, agora substituindo as cidades citadas pelo município de Trindade. Assim, por comparação, o município local tornou-se o foco do debate em sala, com o destaque para a explicação sobre os meios de transporte utilizados na cidade.

Em seguida a P1, enfatizou os rios de Trindade, perguntando:

P1: Vocês conhecem os rios de Trindade?

Aluna: Ribeirão fazendinha.

P1: 'Tá' no mapa? Olha no mapa!

A partir desse momento, os alunos passaram a observar o mapa de localização de Trindade (Figura 8).

A seguir anexamos uma atividade aplicada pela P1 no final da aula, na qual ela solicita para que os alunos respondam as questões da prancha de localização de Trindade (figura 11), parte complementar do mapa de localização.

Figura 11 – Atividades da prancha de localização de Trindade

O Estado de Goiás faz parte do País chamado Brasil; o Brasil faz parte do continente chamado América do Sul. A posição de Trindade no globo terrestre é encontrada por meio dos *paralelos e meridianos*, sistema de linhas imaginárias inventadas para localizar diversos lugares na superfície da Terra. A posição da sede do município de Trindade é a seguinte: 16° 38' 58" (lê-se 16 graus, 38 minutos e 58 segundos) de Latitude Sul e 49° 29' 20" (41 graus, 29 minutos e 20 segundos) de Longitude Oeste.

Do ponto de vista geográfico, o Município de Trindade faz parte da Bacia do Rio Paranaíba, e os seus principais cursos d'água são: Ribeirão Fazendinha, Rio Santa Maria, o Córrego do Bugre, o Córrego Barro-Branco, o Ribeirão Arrozal e o Córrego do Sabão. Observe o mapa ao lado e responda:

- Quais os rios que passam pela área urbana de Trindade?

- Qual rodovia que liga Trindade à capital do Estado?

- Leia o poema "Ribeirão Santa Maria", de Alcides Pinto Caldeira e responda ao que se pede:

<p style="text-align: center;"><i>Ribeirão Santa Maria</i></p> <p style="text-align: center;"><i>De Trindade fui à Campestre, Passando pela rodovia, Sai de casa bem cedo, Mas cheguei lá ao meio dia. Fui fazer uma pescada, No Ribeirão Santa Maria, E fiquei muito encantado, Ao ver macaco, capivara, paca e cutia.</i></p>	<p>Alcides Pinto Caldeira nasceu em Patos de Minas/MG, na década de 40. Filho de João Pinto Caldeira e de Raquel Francisca de Jesus. Não teve condições de estudar quando criança, vindo a estudar já na adolescência e na idade adulta. Cursou o Magistério. Lecionou na zona rural de 1966 a 1992, no Ensino Fundamental, em sala multisseriada. Nunca teve vida fácil. Foi sempre um grande leitor e bom redator. Chegou a escrever algumas obras tais como: O Matuto e a Mandioca, O Coronel e o Galo, O Papo de Dona Sofia.</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

- Para chegar a Campestre, o autor do poema passou por qual rodovia? _____ No mapa, marque a rodovia com um traço vermelho.
- Que animais o poeta encontrou às margens do Rio Santa Maria? _____
- Crie um símbolo para cada um dos animais citados e desenhe-os no mapa. Não se esqueça de situar os animais às margens do rio, o qual o autor faz referência.

Identificamos, como elemento de análise, o planejamento da P1 a partir do livro didático, utilizado paralelamente ao atlas, que consistiu material complementar na construção do conhecimento, na medida em que abordou o lugar de vivência do aluno (seu município). Acreditamos que é a partir do lugar que se constrói o conhecimento de outras escalas geográficas. Para Bueno (2008), no momento da interlocução na sala de aula, o Atlas é mediador do processo ensino-aprendizagem. E ainda acrescenta:

O Atlas permite a integração disciplinar, um trabalho contextualizado, uma maior autonomia ao professor, a desvinculação do livro didático. O Atlas traz consigo a possibilidade do “aprender fazendo”, o que caracteriza, a nosso ver, um processo de formação continuada (BUENO, 2008, p.136).

O fato da intervenção pedagógica da P1 por observar e solicitar que a aluna verificasse o mapa foi, na nossa análise algo significativo. O propósito de verificação do mapa, auxilia não apenas pedagogicamente mas ao mesmo tempo desenvolve no aprendiz o hábito da leitura cartográfica e a espacialização dos elementos, no caso específico, os rios do município. Percebemos que o atlas possibilita a utilização dos mapas locais como ferramenta de ensino e é por meio destes que o professor melhor explica os fenômenos que se processam no espaço de vivência.

3.3 Caso de ensino 3 – Meu lugar de moradia

Na primeira aula observada, a professora P2 abordou a prancha inicial do Atlas, intitulada “Trindade em Goiás e no Brasil”, na qual o aluno tem o primeiro contato com o material. A princípio, o aluno se identifica, insere o nome, data de nascimento, busca suas referências domiciliares, indica os traços pessoais e o lugar cotidiano através da proposta do desenho de si e da sua moradia. A seguir, o aluno deve responder sobre o local de nascimento e da moradia (município, estado e país). Anexamos abaixo a primeira parte da prancha que pode ser conferida a seguir (Figura 12):

Figura 12 – Atividades da prancha “Trindade em Goiás e no Brasil”

1. Meu nome é _____.

2. Eu nasci no dia _____ do mês de _____ do ano de _____.

3. Eu sou assim: _____ Minha moradia é assim: _____

4. Você nasceu em algum lugar. Talvez, atualmente, você more em outro lugar. Pergunte aos seus pais o nome do município, do estado e do país onde você nasceu e, se mudou, os nomes do município, do Estado e do país onde você mora atualmente e registre abaixo:

O município onde nasci se chama:	O município onde moro é:
Fica no Estado de:	Fica no Estado de:
O país no qual nasci é chamado:	O país no qual moro chama-se:

Neste Atlas, você vai aprender um pouco da geografia do local onde mora. É chamado *Atlas* porque apresenta informações e mapas sobre a geografia dos lugares.

Fonte: BUENO; SILVA (2013)

A P2 relata nessa aula que, no exercício anterior, os alunos haviam realizado as primeiras atividades da prancha no caderno: atividades de identificação e representação.

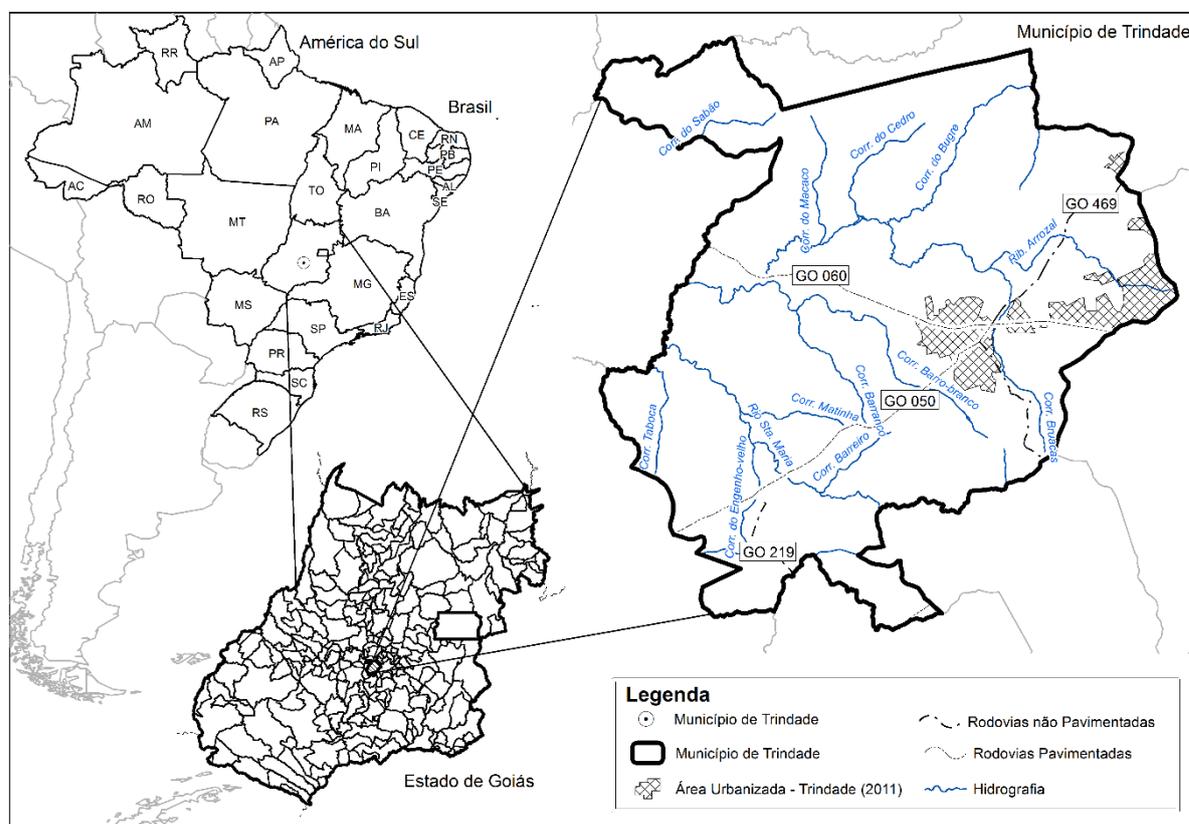
A preleção que agora acompanhamos destaca o tema “Lugar”. No primeiro momento, cada aluno recebe a cópia dos mapas, como os citados na figura 7.

A P2 utilizou o livro didático paralelamente ao atlas, no sentido de explicar o ordenamento do planeta terra, a sua distribuição em continentes, países, e estados e por fim os municípios que compõe o estado. Nesse sentido, o princípio do ordenamento cósmico serve como pano de fundo para a explanação inicial do lugar. A P2 explica as diferentes escalas do universo a partir da Via Láctea na escala macro, Sistema Solar, planeta Terra, América do Sul, Brasil, e por fim na escala micro, o estado do Rio Grande do Sul, citado pelo livro didático. Porém nesse momento, a P2 mudou seu material de apoio e emprega como referência, o Atlas, citando o estado de Goiás e o município de Trindade.

O conteúdo proposto para esse momento intitula: “Trindade em Goiás e no Brasil”. Além de auxiliar visualmente na localização de Trindade no estado de Goiás e no Brasil, o mapa contribui no processo de espacialização dos elementos.

A utilização do mapa permite à P2 explicar o lugar realizando uma dinâmica de leitura, análise e interpretação do mapa com os alunos, que apresenta cada local em destaque. Assim, Trindade participa do conjunto de municípios que tem como local o estado de Goiás, que por sua vez se encontra dentro do conjunto de estados que compõem o país Brasil, como apresenta a figura 13.

Figura 13 - Mapa de Trindade em Goiás e no Brasil



Fonte: BUENO; SILVA (2013)

Por meio do mapa de localização, a P2 pôde abordar outros aspectos como a área urbanizada do município e explicar a diferença entre o tamanho dessa área em relação à área total de Trindade, destacando a especificidade do uso do solo para atividades tais como a pastagem, vegetação e agricultura.

Outro aspecto que vale citação é a aula dinâmica, na qual a professora solicita aos alunos que estendam o braço direito e coloquem o mapa na orientação paisagem sobre o

membro. O objetivo dessa dinâmica foi desenvolver no aluno, a noção das direções/pontos cardeais: Norte, Sul, Leste e Oeste. Através da atividade, os alunos identificaram as direções cardeais, as rodovias que passam no município e, observando a legenda, foram identificando hidrografia, o limite e a sede do município.

Na mesma aula, a professora abordou o mapa da Região Metropolitana de Goiânia (RMG) e teceu explicações sobre o porquê falar dela, quais os municípios a compõem e seus limites, tudo a partir da legenda do mapa. Juntamente com os alunos, a P2 realizou a leitura do texto da prancha da RMG, como podemos ver na figura 14.

Figura 14 – Aluno lendo o mapa da Região Metropolitana de Goiânia



Fonte: acervo da autora (29/03/2013)

Nesse caso de ensino, verificamos dois elementos que merecem destaque. Primeiro: a utilização do Atlas como complemento do livro didático. Para Bittencourt (1998), o livro didático organiza o alicerce e as situações de ensino para o professor, é recurso pedagógico auxiliar no trabalho docente, e consolida-se como o material referencial de professores, pais e alunos que o consideram parâmetro básico para o estudo. Mas, como o livro didático está fora de contexto na abordagem da localidade, se mal empregado, pode descaracterizar o estudo do

município, ao veicular os conteúdos locais às outras cidades, sem significado para a compreensão espacial da criança.

Contudo, no caso de ensino analisado, a professora soube fazer uma adaptação, a partir de seu esforço em tornar o tema inteligível pelos alunos. Partindo do macro, a P2 dividiu o espaço para facilitar a compreensão; organizou uma sequência, um ordenamento, uma série linear de relações entre o espaço macro (representado pela Via Láctea) e o espaço micro (representado pelo estado do Rio Grande do Sul), transposto para a realidade vivenciada do aluno (Trindade – Goiás).

Segundo Almeida (2001), para a transposição didática é necessário que o professor saiba:

“[...] Fazer recortes na sua área de especialidade de acordo com um julgamento sobre relevância, pertinência, significância para o desenvolvimento das competências escolhidas que vão garantir a inserção do aluno no mundo. (ALMEIDA, 2001, p. 55)

3.4 Caso de ensino 4 – Prancha Localização de Trindade

Nessa aula a P2 prosseguiu trabalhando com o mapa de localização. Escreveu no quadro o texto da prancha (Figura 8) e os alunos copiaram. Na explicação do conteúdo, a professora perguntou se os alunos conheciam os principais córregos de Trindade representados no mapa. Alguns se manifestaram afirmando que sim. A partir do mapa, a professora, usando a metodologia da aula expositiva discursiva, orientou e sugeriu aos alunos que compartilhassem suas experiências pessoais partindo da sua própria vivência, a qual relatamos a seguir:

P2: Morei nos fundos do córrego Bruacas e o leito era fechado, hoje vemos uma situação bem diferente do córrego, que já se encontra sujo e poluído.

O relato espontâneo da P2 despertou nos alunos o desejo de expor suas próprias experiências, e um deles disse:

Aluno: Meu pai contou a história do córrego de Santa Maria, que foi jogado restos de animais lá.

Outra aluna também relata:

Aluna: Eu já fui nas margens desse córrego acampar e fazer piquenique.

A aula expositiva dialogada segue alguns princípios que notamos bem definidos e alcançados nessa aula, como: exposição clara, recepção satisfatória, dinâmica e participação.

Ao falar do lugar onde os alunos vivem, conhecem, frequentam no cotidiano, a aula ganha um caráter de identidade, torna-se, portanto dinâmica e participativa.

Outra atividade trabalhada nessa aula foi baseada no poema “Ribeirão Santa Maria”, de autoria de Alcides Pinto, professor trindadense, cônjuge de uma professora envolvida no projeto. Esse poema foi escolhido para compor o atlas porque conjuga, em linguagem simples, temáticas importantes que rimam e envolvem de modo lúdico o aluno. Os aspectos abordados são: limite municipal, via de acesso, tempo, cultura, rio e fauna.

Ribeirão Santa Maria
De Trindade fui à Campestre,
Passando pela rodovia,
Saí de casa bem cedo,
Mas cheguei lá ao meio dia.
Fui fazer uma pescada,
No Ribeirão Santa Maria,
E fiquei muito encantado,
Ao ver macaco, capivara, paca e cutia.

Fonte: BUENO; SILVA (2013, p. 20)

Após a leitura do poema, os alunos realizaram uma atividade no mapa de localização (figura 8) que se desenvolveu até o final da aula. A atividade proposta era criar uma legenda, utilizando a cor como variável visual, para representar os diferentes córregos e rios de Trindade.

Destacamos, como elemento de análise, o estímulo da professora em aproximar o aluno de sua realidade, envolvendo seus próprios saberes do cotidiano, no caso, os saberes relacionados à água do município. Assim, o aluno compartilha suas experiências do espaço, e o papel da professora é conduzi-lo a uma construção própria de conceitos. A Geografia precisa estimular a vontade do aluno de aprender, na medida em que fornece subsídios para tornar suas próprias experiências fontes de aprendizagem. Nesse sentido, o professor deve propiciar situações que visem a produção de experiências no ensino, ou seja, possibilitar que o aluno faça a conexão entre o conhecimento produzido e a sua realidade. Enfim, o professor deve demonstrar que a Geografia faz parte do cotidiano do aluno, pois assim a aquisição e/ou reelaboração dos conceitos geográficos se dará de forma prazerosa e dinâmica. Para tudo isso é preciso ousar, utilizando técnicas e recursos que despertem a fascinação e a criatividade. Conforme afirma Castrogiovanni (2007),

Ensinar exige coragem de ousar em atitudes que valorizem o educando como sujeito repleto de experiências de vida, com curiosidades sobre o mundo em que vive, capacidade criativa e com potencial para despertar um olhar inquieto sobre a vida. Esta coragem está na postura coerente com a prática, na busca de novas metodologias, que não considerem o educando como mero receptor de verdades absolutas, mas como um sujeito que cria, que pode transformar e tecer dúvidas. (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 22)

A Geografia lida com o cotidiano e o cotidiano lida com a Geografia. As nossas atividades diárias se manifestam no espaço geográfico: fazer o mapeamento mental do caminho que precisa ser percorrido ao ir e vir à casa, escola, supermercados, feiras livres, verificar a origem do produto a ser consumido, ver a previsão do tempo nos meios de comunicação, todas essas atividades se articulam com saberes geográficos. De acordo com Kaercher (2002, p. 225 - 226), *“Se ajudarmos nossos alunos a perceberem que a geografia trabalha com as materializações das práticas sociais, estaremos colocando-a no seu cotidiano”*.

Analisamos o uso do Poema “Ribeirão Santa Maria” como abordagem importante de identidade cultural, que não apenas aproxima o aluno do lugar mas da própria linguagem comum. O poeta, ao citar sua passagem pelo município de Campestre, pela rodovia, pelos rios onde pratica sua pescaria, estimula e provoca o leitor a refletir a partir da própria experiência de vivência.

Se de um lado temos a Poesia enquanto linguagem e recurso de construção da identidade do espaço comum, do outro temos o mapa, também como linguagem e representação gráfica, utilizado pela professora para desenvolver uma atividade prática. Simielli (1996), propõe um trabalho de alfabetização cartográfica no Ensino Fundamental I, no qual o suporte inicial é o espaço concreto do aluno e o trabalho com a representação gráfica, posteriormente alcançando a representação cartográfica. Segundo a autora, aproveitando-se do interesse natural das crianças pelas imagens, deve-se oferecer a elas recursos visuais como: desenhos, fotos, maquetes, plantas, mapas, imagens de satélite, figuras, tabelas e jogos. Nesta fase, um dos objetivos principais é o desenvolvimento do alfabeto cartográfico (ponto, linha, área); construção da noção de legenda; proporção, escala, lateralidade, referências e orientação.

Destacamos a importância da semiologia gráfica por meio da aplicação da variável visual cor para caracterizar os rios do município. Entende-se que elementos como a legenda

devem ser ensinados a partir de um mapa com as localizações percorridas pelo educando no seu dia a dia.

Mediante o referido caso de ensino, percebe-se que os mapas presentes no Atlas se tornaram recursos eficazes para o estudo do lugar, visto que se trabalhou a partir do cotidiano dos alunos. Nesse sentido, é importante reconhecer a contribuição deste projeto considerando que há carência de produção de mapas locais na maioria dos municípios.

O Atlas Escolar Municipal de Trindade auxilia no papel de construção do conhecimento pela criança a partir do estudo do lugar, pois propõe uma linguagem textual, poética e gráfica adaptada ao 4º e 5º anos, e além de alfabetizar cartograficamente, tanto o professor como o aluno, oferece subsídios para entender os conceitos geográficos básicos.

3.5 Caso de ensino 5 – Orientação e localização

Desde a primeira aula observada, a P3 fixava no quadro o mapa de localização de Trindade (figura 8). Essa aula era uma revisão do assunto “Pontos Cardeais”, na qual ela utilizou um texto do livro didático (TIMBÓ, 2011, p. 23), intitulado “Orientando-nos em um lugar”. Copiou um trecho do livro que dizia: *“Quando você está em qualquer lugar, por exemplo na rua da sua casa, e quer saber a direção que vai seguir, pode se orientar pelo sol.”*

Após escrever o texto no quadro, a P3 questionou aos alunos:

P3: “Orientando-nos em um lugar?” Que lugar é esse?

Aluna 1: São Paulo

Aluno 2: Rio de Janeiro

A partir dessa fala dos alunos, vemos o quão enraizado está a visão do lugar “padrão” difundido nos livros didáticos, sobre o qual falaremos mais adiante.

Segundo o livro,

A orientação pelo sol é feita assim: O braço direito apontado em direção ao local onde o sol pode ser visto no céu de manhã bem cedo indica o leste. Mantendo-se na mesma posição, o braço esquerdo apontado para o lado oposto indica o oeste. Na sua frente está o norte. Atrás de você está o Sul. Os mapas e as plantas também ajudam em nossa orientação. Na rosa-dos-ventos estão representados os pontos cardeais: Norte (N), Sul (S), Leste (L), e Oeste (O). (TIMBÓ, 2011, p. 23)

Figura 15 – Professora escrevendo no quadro atividades do Atlas



Fonte: acervo da autora (12/04/13)

Após copiar o texto, os alunos foram para o pátio da escola para aprenderem as noções de Leste, Oeste, Norte e Sul, a partir do nascimento do Sol. E reproduziram o que acabaram de estudar no livro didático. Todos se posicionaram de modo que seus braços direitos apontassem para a direção leste, e como referência para se situarem melhor no espaço, a professora disse:

P3: Essa é a direção que se situa Trindade Leste e a cidade de Goiânia.

Foi solicitado que os alunos permanecessem na mesma posição e esticassem o braço esquerdo. Nesse momento, a professora explicou que os alunos estavam indicando a posição do município de Santa Bárbara de Goiás, à Oeste. E que o município em suas frentes, na direção Norte era Goianira, e atrás deles se situava Campestre de Goiás, ao Sul. Após a explicação da professora, fiz uma pequena intervenção para explicar que aquela atividade demonstrava uma aproximação das direções cardeais, mas que o Sol se movimenta durante o ano, portanto o seu caminho aparente poderia variar.

Retornando a sala de aula, a professora utilizou o mapa de localização de Trindade para reafirmar as direções cardeais dos diferentes municípios limítrofes de Trindade. A P3 também explicou como deve se chamar a até então conhecida “Trindade 2”, a região onde se

localizam bairros de Trindade afastados da sede e próximos à Goiânia, deixando claro que essa região deve se chamar “Trindade Leste”.

E lançou a seguinte questão aos alunos:

P3: Por que Trindade Leste tem esse nome?

Aluno: Por que fica na direção leste.

A professora concordou e deu por finalizada a aula de Geografia daquele encontro.

Apontamos nesse caso de ensino, a resposta dos alunos quanto à pergunta da professora “Orientando-nos em um lugar? Que lugar é esse? ” Que apontaram as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Mesmo não sendo a informação levantada pela professora através do livro didático naquele momento, sabe-se que os livros de Geografia das séries iniciais (especificamente os destinados ao 4º e 5º anos) generalizam as informações locais. E isso tem consequências significativas para o ensino da localidade, por negar ao aluno a compreensão da Geografia do município na qual ele está inserido, impedir uma possibilidade de reflexão sobre o que acontece no espaço de sua vivência e omitir os aspectos políticos, sociais e culturais do entorno do aluno.

Outro importante elemento que merece nossos apontamentos é a construção da aula baseada na orientação e localização, que tinha como ponto de partida a escola, relacionando-se com os municípios limítrofes situados em cada direção cardinal. Sabe-se que localização e orientação são requisitos para o entendimento dos mapas. Kant, por volta de 1786, conceituava o termo Orientação. Para isso, afirma:

Orientar-se, no genuíno significado da palavra, quer dizer, a partir de uma dada região cósmica (uma das quatro em que dividimos o horizonte) encontrar as restantes, ou seja, o ponto inicial. Se vejo o Sol no céu e sei que agora é meio-dia, sei encontrar o Sul, o Oeste, o Norte e o Oriente. Mas, para esse fim, preciso do sentimento de uma diferença quando ao meu próprio sujeito, a saber, a diferença entre direita e a esquerda. Dou-lhe o nome de sentimento porque, exteriormente, estes dois lados não apresentam na intuição nenhuma diferença notável (MORÃO, 2005, p.5).

Assim, para o educando compreender as direções cardinais, é preciso que haja construído as noções de lateralidade e horizontalidade, o que auxiliará na construção de conceitos de orientação e localização geográficas e posteriormente realizar leituras cartográficas.

3.6 Caso de ensino 6 – Encontrando minha escola no mapa

A professora P4 iniciou a aula copiando o poema de Alcides Pinto “Ribeirão Santa Maria” no quadro. Quando terminou, pediu para os alunos realizarem a leitura do poema. Em

seguida, a P4 colocou a planta urbana de Trindade e o mapa das unidades escolares (Figura 7) no chão, de modo que ficassem na forma plana. O objetivo da atividade era fazer com que os alunos identificassem a sua escola e em seguida a GO-060 – rodovia que liga Trindade à capital – como referência para compreenderem a sua localização, bem como as direções cardeais. Durante a busca da escola, os alunos localizaram a rua onde moravam e se entusiasmaram.

Em seguida foi distribuído o mapa de localização de Trindade e pediu-se para os alunos identificarem os municípios limítrofes, os rios que passam pela área urbana e as rodovias que cortam Trindade, e escrevessem todas essas informações no caderno. Para a realização da atividade a professora explicou o que define se o município é limítrofe ou não do outro.

Como elementos de análise, identificamos nessa aula, a realização de atividades práticas orientadas pela P2 a partir do mapa. Tal como Castellar (2005, p.70), entendemos que, quando se encaminha a leitura cartográfica na escola, inicia-se a formação de conceitos e, portanto, o desenvolvimento cognitivo do aluno:

Desenvolver no aluno as noções básicas da cartografia escolar, é mostrar que aprendizagem não é apenas uma técnica de identificar símbolos para perceber a localização dos lugares nos mapas, mas de utilizá-los nas ações do cotidiano e na leitura da realidade, ampliando a sua visão em seu espaço geográfico (CASTELLAR, 2005, p. 70).

A partir do mapa a professora utilizou a escola como referência para os alunos identificarem onde moram e compreenderem as distâncias de seu bairro e rua, das demais referências do município, como a rodovia GO 060.

Percebemos não só nesse caso de ensino, mas ao longo das observações, que as aulas foram dadas, em sua maior parte, baseadas nos mapas, que ganharam mais espaço nas escolhas metodológicas das professoras. Acreditamos que houve mudança na prática docente, pois o mapa deixou de ser aquele recurso utilizado como enfeite, ilustração ou parte de exercício de desenhar e colorir, e passou a contribuir na construção de uma verdadeira educação cartográfica na medida que propõe um uso diferenciado dos recursos cartográficos para o aluno compreender o seu espaço de vivência, em outras palavras, para dizer como Oliveira (1993, p. 27) é o ensino pelo mapa e não o ensino do mapa.

Porém, para a educação cartográfica, o professor deve estar preparado e “alfabetizado” cartograficamente.

O envolvimento das professoras no projeto, incluindo as aulas baseadas no Atlas Escolar Municipal de Trindade, levaram a mudanças da prática docente. Constatamos um

processo de auto-análise e reflexão sobre as suas práticas e sobre o material durante o processo formativo.

Percebemos um desenvolvimento de competências tanto individuais quanto coletivas a partir da ação que todas as professoras tiveram em planejar, refletir e desenvolver suas práticas de ensino. Conforme afirma Callai,

Fazer a educação geográfica requer o esforço de superar o simples ensinar Geografia ‘passando os conteúdos’, e procurar com que os alunos consigam fazer as suas aprendizagens tornando significativos para as suas vidas estes mesmos conteúdos. (CALLAI, 2011, p.15)

3.7 Contribuições do Atlas para a formação continuada das professoras

Para Braga (2006), freqüentar atividades e projetos que visem a formação continuada não significa, necessariamente, transformação da prática. Toda prática é ancorada em crenças, valores, concepções teórico-filosóficas, que os limites de um projeto, em especial, o da utilização do atlas, talvez não sejam capazes de ultrapassar no sentido de trazer mudanças efetivas para as práticas docentes.

Porém, sabe-se que o desenvolvimento de projetos dessa natureza promove reflexões sobre o exercício docente e a ampliação dos conhecimentos como possibilidade das professoras desenvolverem uma prática mais consciente, que as possibilite responder com situações novas as situações de incerteza. Ou pelo menos desenvolver reflexões mais amplas sobre as situações vividas. Afinal, como salienta Pimenta (1999), a teoria, além de seu poder formativo, dota os sujeitos de pontos de vista variados sobre a ação contextualizada. Os saberes teóricos se articulam aos saberes da ação dos professores e da prática institucional, ressignificando-os e sendo por eles ressignificados.

A professora P1, por exemplo, apontou que o atlas propiciou um novo conhecimento sobre a cidade de Trindade com um horizonte que vai além do aspecto religioso, uma vez que o município é conhecido e difundido pela tradição da romaria do Divino Pai eterno. Para a professora, doravante, o material ajudou a conhecer outros aspectos singulares de Trindade, como a cultura, a origem, os pontos turísticos, os lugares. Segundo as palavras da professora, houve algo enriquecedor que propiciou um novo olhar sobre a cidade:

Você tendo o material, você passa a ter um novo olhar sobre a cidade, é um olhar diferente...algo que você pode pesquisar, algo que você pode tá trabalhando... pra isso eu vejo que é de suma importância, me ajudou muito e principalmente enriqueceu meu conhecimento (Professora P1)

É importante lembrar que no início do projeto, em resposta ao questionário sobre o significado de Trindade, a referida professora deu ênfase ao aspecto religioso como principal atividade do município, inclusive econômica. No depoimento citado acima, a professora relatou que o atlas mudou o seu olhar sobre a cidade.

Assim, acreditamos que o atlas extrapolou a função pedagógica a qual se destinava - de mediar a construção do conhecimento na formação tanto do professor e do aluno - e atendeu também a uma função social, já que pelas palavras da P1, possibilitou um novo olhar sobre a cidade, ou seja, pôde possibilitar o desenvolvimento do olhar crítico, a construção da cidadania e o conhecimento sobre os direitos, deveres e responsabilidades para com a cidade.

Dominar o conhecimento a ser ensinado é a primeira condição para que o professor desempenhe bem o seu papel, pois conhecer o conteúdo possibilita ao mesmo tempo organizá-lo mentalmente. No decorrer da entrevista as professoras apontaram que o material ampliou seus conhecimentos sobre o município, auxiliando no melhor planejamento das aulas, na aplicação do conteúdo com os alunos, e adquiriram mais segurança para a abordagem desse assunto em suas aulas. Transcrevemos alguns de seus depoimentos:

O Atlas ampliou muitos conhecimentos que antes a gente não tinha e deu base para melhor planejar as aulas e aplicar o conteúdo com os alunos. Que antigamente a gente só tinha uma breve história do medalhão né, e da festa, focado muito na festa do Divino Pai Eterno. Agora não, já dá base para a gente trabalhar o meio ambiente, o clima, tudo direitinho. (Professora P2)

Poder colocar os conteúdos presentes no atlas em prática na sala de aula ajuda a aprender mais. (Professora P3)

A gente adquire conhecimento de toda forma. Tem conhecimento do mapa, dos bairros, a gente tem conhecimento de onde a gente mora, agente adquiriu esse conhecimento aqui, através do atlas. (Professora P5)

Sabe-se que o domínio do conhecimento traz segurança sobre o que está se fazendo e por que está fazendo, o que repercute na prática de ensino das professoras, na relação consigo mesmas, com seus saberes, com seus alunos, enfim, com seu desenvolvimento profissional.

As professoras P3, P4 e P5 também se manifestaram em relação à contribuição do Atlas para a prática na sala de aula:

[...] antigamente a gente não trabalhava a Geografia, a gente trabalhava a história de Trindade. Os costumes, as tradições... E o atlas vai mostrar para o aluno mais sobre onde ele mora né? Conhecimento, reconhecimento, do setor, do município onde ele mora. (Professora P2)

Deu um suporte muito grande pra nós professores aqui da escola. Deu apoio material que a gente não tinha nenhum, um suporte grande. Tudo o que procurava a gente não sabia muita coisa, então foi muito útil. (Professora P1)

[...] o aluno tem sede de recursos, do concreto e simbólico. Com o material concreto é mais fácil trabalhar e é mais fácil dos alunos aprenderem. Por que eles estão vendo

né? Eles estão pegando, é algo simbólico né? E é mais fácil pra memorizar. (Professora P3)

Com relação à prática na sala de aula, a P4 considerou que ao mesmo tempo em que cumpre seu objetivo, o Atlas possibilita que suas aulas fiquem mais interessantes, mais ricas e produtivas intelectualmente. Esse fator, segundo a P4, atendeu tanto a ela quanto aos alunos porque o Atlas trata de uma metodologia diferenciada, provoca e torna a aula mais criativa:

O aluno quer ver coisa real, coisa concreta. Então, se você tem como mostrar, como explicar, algo diferente é que chama atenção [...] hoje eles veem os recortes da cidade num mapa, localizam a sua escola, veem a questão do clima e meio ambiente, as rodovias que cortam a cidade por meio dos traçados, os córregos. (Professora P4)

Para a P3, o atlas auxiliou no planejamento das aulas:

Com o Atlas temos mais conteúdo, a gente não fica perdida se perguntando 'ah, o que eu vou fazer? ', você pega o material ali, prepara a aula e já chega com tudo na mão. Não tem que tá procurando, ficar pensando o que é isso ou aquilo. Você já tem o material ali, prepara a aula e só aplica. (Professora P3)

Com relação a importância de estudar a localidade, a P1 reforçou e aprofundou o que tinha dito no questionário inicial da pesquisa (quadro 2). Acompanhemos o seu relato:

Às vezes você tem um conhecimento macro, e essa questão do Atlas, o importante dele é a questão do micro né, é que quando a gente começa a trabalhar nas séries iniciais, a gente tem que começar do micro para o macro. Quer dizer, é do local, da sua casa, da casa da criança até chegar no maior que é o global. E eu tinha que produzir esse material, tinha que ir em busca e as vezes não era fonte segura, as vezes você encontra uma informação que é desconhecida com a outra, é uma que foi publicada, aí você vai pesquisar na internet, aí a mesmas características mas com outra classificação diferente. O importante do atlas é isso, fontes seguras. E também a questão da criança... ele tendo o material, ele fica tão curioso para ver que: "mas como eu vou localizar minha casa? Como vou saber onde é minha escola? ", a questão dos pontos de partida que a gente começa pelo micro né, para ir pelo macro. Então tem que começar do local para o global. Então, eles ficam curiosos, por que o mapa é assim, por que tem uma teia de aranha (que alguém falou), então a gente começa a explicar, que mesmo (se você pegar o mapa do Brasil né? Ou vai trabalhar a questão da vegetação, que é o bioma Cerrado aqui do Centro-Oeste, a Caatinga, Floresta Amazônica, é uma coisa que tá bem distante. O bioma cerrado não tá distante, mas como você colocou no atlas, o recorte...é como se deu, uma 'questão endêmica' só no Brasil que tem...então tudo isso é importante para que o aluno perceba que ele também está inserido aqui, no global. Ele faz parte desse globo terrestre. É muito mais comum ver notícias de lá fora do que se perceber aqui de dentro. Então, no atlas, você pode mostrar pro aluno, é algo concreto, vamos dizer assim, coisa real. Por que as vezes o aluno fica imaginando: como será isso? A professora fica falando isso, mas eu nunca vi...não passa nada na televisão, a gente não vê nos livros, porque até então, também não tinha no livro. Até os livros de Geografia, agente questiona muito isso... é a questão dos conteúdos, é o conteúdo, traz o recorte que é regiões aí quando é vai trabalhar cidades, é cidade lá do Nordeste, é cidade lá do Sudeste e não traz da nossa própria cidade. (Professora P1)

Questionadas sobre os novos conhecimentos que as professoras adquiriram a partir da elaboração e uso do Atlas, foi citado que o material permitiu conhecer os aspectos sobre a cidade como: meio ambiente, limites de Trindade, mapas, os bairros, os córregos a

importância da água e as comunidades rurais Bugre, Cedro e Santa Maria, que apesar de serem conhecidas não eram consideradas pelas professoras como comunidades de Trindade. Para a professora P4, que nasceu em Goiânia e mora em Santa Maria, está sendo muito bom o contato com o material, pois ele está permitindo o conhecimento da cidade.

Sobre o manuseio do material as professoras não revelaram dificuldades significativas e que as oficinas oferecidas tiraram as dúvidas que tinham. Para a P3, as dificuldades enfrentadas se relacionam à falta dos alunos terem o atlas em mãos.

A professora P3 ainda relatou que existem algumas dificuldades relacionadas à falta de experiência com o material, mas com a prática e o passar do tempo vão ser facilitadas. Sobre esse aspecto, consideramos o Atlas como um material diferenciado, pois se contrapõe à proposta do livro didático, que apresenta os conhecimentos acabados, como as respostas das questões para os professores. Trabalhar com o Atlas pressupõe estudar, pesquisar, refletir e buscar respostas a partir das questões colocadas sobre o município.

Sobre a experiência de fazerem parte do projeto, as professoras disseram que foi positiva, pois permitiu que adquirissem mais conhecimento sobre a localidade e além disso o projeto trouxe contribuições também para a formação pessoal:

Eu vejo que tudo que vem para o nosso conhecimento e aprendizado, contribui para a minha própria pessoa. Pra mim foi importante por que, como eu havia dito, não tem como você trabalhar uma coisa se você não tem o aparato legal, ou seja, uma fonte segura. E o Atlas é uma fonte segura. É um grande ganho, tanto pro meu aprendizado, tanto pra escola, quanto para a cidade. Isso é importante. Por que Trindade estava merecendo uma coisa dessa. Não só Trindade, mas como outras cidades, porque Trindade além de ser reconhecida mundialmente, agora ela tem sua própria, vamos dizer com o Atlas, tem sua própria identidade que foi criada. (Professora P1)

Para a Professora P4, o que ficou de mais marcante dessa experiência foi a aquisição de conhecimento sobre a localidade:

Esse projeto foi de grande importância, trazendo muito conhecimento. Hoje eu posso falar se alguém me perguntar alguma coisa, eu sei responder, eu faço parte da história de Trindade, antes tinha muita coisa que eu não sabia responder, mas agora eu respondo. Então foi um crescimento muito grande. (Professora P4)

A professora P2 manifestou entusiasmo em relação a poder participar na construção do material ao narrar como apresentou o Atlas Escolar Municipal de Trindade aos seus alunos:

Gente eu não escrevi um livro pessoalmente, mas tem um dedinho meu lá, bem pequenininho”. Por que, eu mostrei pra eles as fotos, falei do livro, o que que tem no livro, o que trabalhamos no livro, o meu nome, o nome das colegas professoras. Eu sei que eles não vão pegar o material esse ano. Mas eles estão curiosíssimos. Porque foi muito bom saber que eu participei, nem que seja um pouquinho de um projeto, foi muito bom, eu falei: “então gente, estuda, quem sabe você mesmos não vão escrever um livro. Incentivando eles. Foi muito bom. Eu gostei. (Professora P2)

Sobre a contribuição do projeto para a formação docente, as professoras citaram a contribuição de terem em mãos um recurso, um material concreto para abordar o município de Trindade. O Atlas é considerado pelas professoras um documento de fonte segura que trata do município e que contribui para o conhecimento e aprendizado não só para seus saberes profissionais, mas também pessoais. A professora P2 citou o quanto enriqueceu suas aulas e planejamentos, agora baseadas em conhecimentos concretos, diferente de antigamente, quando suas aulas eram aleatórias:

Nossa, foi e está sendo muito bom, muito enriquecedor, minhas aulas, meus planejamentos estão sendo com base em alguma coisa, não está sendo assim, uma aula aleatória. Que antigamente né, eu falava uma coisinha e ficava por aquilo mesmo [...] tá sendo uma aula mais consistente. E não aleatória e eu estou me sentindo muito mais segura, é uma coisa assim que está mais concreta nas suas mãos. ” (Professora P2)

Para a P4 as aulas estão sendo mais consistentes e como a P2, a professora P4 diz estar se sentindo mais segura por ter um material concreto em mãos.

Pra mim foi de suma importância, como eu já disse. Por que com esse material a gente adquire muito conhecimento. Por que ele é um material muito amplo, então assim, nós temos assim que ter mais tempo e com o tempo que a gente vai trabalhar o material por etapa, assim, detalhes, então pra mim foi muito importante, por que o conhecimento é adquirido no dia a dia. Em questão de analisar, de estudo, pra gente poder ter mais clareza e poder passar o conhecimento que a gente aprendeu para os alunos com mais clareza e segurança e é muito importante também a gente falar daquilo que a gente realmente sabe, daquilo que a gente viu, é algo que a gente tá em mãos, é algo concreto que a gente tá em mãos, que a gente tem certeza que foi estudado, da gente poder passar com clareza e ter objetivo com isso ne, passar o objetivo, a importância do conteúdo que a gente tá estudando. (Professora P4)

Para concluir, percebemos que o processo de aprendizagem docente não se reduziu à apreensão de conhecimentos, habilidades e atitudes referente à localidade e ao ensino desse conteúdo. As professoras também demonstraram reflexões em relação à natureza da docência, da atividade docente e ao seu próprio processo de aprendizagem.

Assim, diante de tudo que foi colocado até agora, é possível notar que, do conjunto de conhecimentos e informações a princípio descontraídas e dispersas, as professoras conseguiram organizar e por fim revelar na prática de ensino, narrativas e possibilidade de uma aprendizagem de identidade local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição do Atlas Escolar Municipal de Trindade para a formação continuada das professoras, repercutiu não só no aumento do domínio teórico, nos valores e atitudes sobre a prática docente e ensino-aprendizagem mas sobretudo na relação consigo mesmas e com a localidade.

Durante todo o processo de investigação foi possível verificar que os conhecimentos sobre a localidade estimularam o planejamento e o desenvolvimento de aulas mais interessantes, dinâmicas, participativas e deu mais segurança para as professoras.

No que diz respeito ao estudo do lugar, conhecer o bairro, a cidade, a paisagem, a vegetação e o meio ambiente do município faz com que as professoras e seus alunos se sintam valorizados e atribuam um novo conceito ao ato de ensinar e aprender: aprender para a vida. Portanto, conhecer o município faz com que as professoras tenham uma mudança de atitudes: quanto mais conhecem, mais admiram e mais respeitam, o que favorece uma inserção espontânea do tema da localidade nas aulas.

A realização da pesquisa superou as nossas expectativas, pois atendeu a demanda de materiais específicos sobre o lugar, instrumentalizou o professor e contribuiu para o seu processo formativo. Portanto, o atlas extrapolou a função pedagógica que se propunha, a de auxiliar na educação cartográfica do professor e do aluno, fornecer uma fundamentação básica para o saber geográfico e uma oportunidade de formação continuada, e atendeu também a uma função social, a de fornecer subsídios para uma educação cidadã, um pensar crítico sobre a cidade. De acordo com a professora P1, *“você tendo o material, você passa a ter um novo olhar sobre a cidade, é um olhar diferente, algo que você pode pesquisar, algo que você pode tá trabalhando [...] me ajudou muito e principalmente enriqueceu meu conhecimento.”*

Neste trabalho, analisamos e contextualizamos a prática docente das professoras a partir do uso do Atlas Escolar Municipal de Trindade. Observamos que para a sua elaboração bem como utilização, foi preciso uma prática da própria docente, ou seja, as professoras realizaram pesquisas e estudos sobre o município, o que resultou num processo de reflexão sobre o Atlas. Relatamos abaixo o processo formativo da professora P2 que revela algumas constatações descritas pela nossa pesquisa:

“[...] como o material é novo, é um pouquinho difícil, a gente não tem experiência com ele ainda e não sabia assim de muitas coisas dele né? Então a gente tá estudando, tá pensando...por que agora eu tenho um material para trabalhar e agora eu tenho que falar. Coisas que a gente passava por cima, agora a gente vai trabalhar melhor, a gente tem o que falar, eu tenho o que pensar, eu tenho o que falar pra eles. Com o passar do tempo, com a prática

em cima dele, vai melhorar bastante. Então a gente tá estudando, planejando, pensando numa maneira de passar para os alunos.” (Professora P2)

Em linhas gerais, o Atlas Escolar Municipal de Trindade permitiu às professoras terem acesso a dados atualizados do município e desenvolverem uma maior compreensão e reflexão de sua prática, auxiliou no despertar da criticidade em relação a abordagem do livro didático, a partir da elaboração de um planejamento focado no espaço local. Portanto, o atlas serviu como complemento, apoio e intermediação do conhecimento sobre Trindade. Um aspecto que vale destaque foi o trabalho com os mapas, uma prática baseada na leitura, interpretação das representações cartográficas que proporcionaram um amparo seguro para o exercício da docência. Também citamos as novas estratégias de ensino que provocaram a criatividade e inventividade das professoras e a utilização das experiências pessoais como fonte de aprendizagem e estímulo para a participação dos alunos.

Contribuir para a formação das professoras com um material específico que aborda a localidade é um dos encaminhamentos dessa pesquisa que abre caminhos para que outros trabalhos sejam realizados. Assim, sugerimos algumas questões: Com que apoio e acompanhamento, os professores da rede municipal de Trindade contam no ensino de Geografia? Sobre a prática pedagógica: que oportunidade de estudo e reflexão tem sido efetivada? Quanto a aprendizagem do aluno: a partir do Atlas Escolar Municipal de Trindade, houve alguma mudança? Essas questões poderão ser verificadas e descritas na continuidade do trabalho, uma vez que a aplicação do atlas efetivado no Ensino Fundamental da rede pública de Trindade torna-se outro campo abrangente da pesquisa tornando-se necessário o aprimoramento do Atlas Escolar Municipal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Valéria. **Os Atlas de Geografia: peso na mochila do aluno?** In: *Revista Geografia e Ensino*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1. p. 39-42, 1997.

ALBUQUERQUE, M. Século de prática de ensino de Geografia: permanências e mudanças. In: REGO; CASTROGIOVANNI; KAERCHER. **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Penso, 2011, p. 77-90

ALMEIDA, Rosângela D. de; PASSINI, Elza Y. **O espaço Geográfico – ensino e representação**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

ALMEIDA Rosângela. D. de. **Do desenho ao mapa: Iniciação cartográfica na escola**. São Paulo: Contexto, 2001. 115 p. (Caminhos da Geografia)

_____. **Atlas Municipais elaborados por professores: a experiência conjunta de Limeira. Rio Claro e Ipeúna**. Campinas, Cad. Cedes, v. 23, n. 60, p. 149-168, agosto 2003.

Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v23n60/17272.pdf>>

Acessado em: out/ 2013

ARCHELA, Rosely S. **Contribuições da Semiologia Gráfica para a Cartografia Brasileira**. Revista de Geografia, Londrina, v.10, n.1, p.45-50, 2001.

Disponível em:

<:<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/viewFile/10214/9032>>

Acessado em: Outubro/2013

BITTENCOURT, Circe. **Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar**. 1998. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

BRAGA, Maria Cleonice Barbosa. **Aprender e ensinar Geografia: a visão dos egressos do Curso de Pedagogia da UEFS**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos, 2006.

Disponível:>http://www.btdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1192<

Acessado em: 12-11-12

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Geografia** /Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 156 , 1998.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

BUENO, Míriam, A. **Atlas Escolares Municipais e a possibilidade de formação continuada de professores: um estudo de caso em Sena Madureira/AC**. Campinas, Instituto de Geociências – UNICAMP, 2008. 166 p. Tese de Doutorado. (2008).

_____. **A cartografia e o ensino de Geografia na escola fundamental: um**

estudo de caso. Belo Horizonte, Instituto de Geociências - UFMG, 1998. 160p. Dissertação de mestrado.

_____. **O estudo do espaço local da Região Metropolitana de Goiânia e sua representação a partir de atlas escolares municipais: uma proposta de formação para professores do ensino fundamental I.** Goiânia - UFG. Projeto Institucional, 2010.

_____. SILVA, Karine. **Atlas escolar municipal de Trindade.** Goiânia; Ed. Cia Alfa Comunicação, 2013.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino.** Caderno CEDES, Campinas, 2005.

_____. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no Cotidiano.** Porto Alegre – RS: Ed. Mediação, 2006.

_____. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? Em: **Revista Terra livre** n.16. São Paulo: AGB, 2001. 9.133-152.

_____. **Educação Geográfica: Reflexão e Prática.** Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: Hucitec, 1996.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino.** Goiânia: Alternativa, 2002.

_____. **O ensino de geografia na escola.** Campinas, SP: Papyrus, 2012.

CASTELLAR, S.M.V. **A alfabetização em geografia.** Espaços da Escola, Ijuí, v. 10, n. 37, p. 29-46, jul./set. 2005.

CASTROGIOVANNI, A.C. **O misterioso mundo que os mapas escondem.** In: CASTROGIOVANNI, A.C. et al (orgs). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões.** 4ed Porto Alegre: UFRGS/AGB Seção Porto Alegre, 2003.

_____. (org). **Ensino de Geografia.** Práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2007.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: Difel, 1982. 318p.

DAVIES, Nicholas. **O Livro Didático de História do Brasil: Ideologia Dominante ou Ideologias Contraditórias?** Niterói: Faculdade de Educação da UFF, 1991 (Dissertação de Mestrado em Educação).

FILHO, L. **Fundamentos epistemológicos da geografia.** Curitiba: IBPEX, 2009 (Metodologia do Ensino de História e Geografia, v. 6).

FREIRE, P. **Criando Métodos de Pesquisa Alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação.** In: BRANDÃO, Carlos R.(Org.); **Pesquisa Participante.** 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

GOIÁS (Estado). **Lei complementar nº 78, de 25 de Março de 2010**. Palácio do Governo do Estado de Goiás, Goiânia, GO. 24 de dez. 2010. 122º da República. Disponível em: <http://www.gabinetecivil.goias.gov.br/pagina_leis.php?id=9457>
Acessado em: 18-10-11

_____. **Currículo Referência da Rede de Educação do Estado de Goiás**.

Secretaria de Estado da Educação. 380 p.

Disponível em:

<http://www.seduc.go.gov.br/imprensa/documentos/arquivos/Curr%C3%ADculo%20Refer%C3%A4ncia/Curr%C3%ADculo%20Refer%C3%A4ncia%20da%20Rede%20Estadual%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20Goi%C3%A1s!.pdf>

Acessado em: 10/02/2014

GRANELL;PÉREZ, María del Carmen. **Trabalhando Geografia com as Cartas Topográficas**. 2ª ed. Unijuí. 2004.

GIOVANNETI; Gilberto. **Melhoramentos: Dicionário de Geografia**: termos, expressões e conceitos: São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1996.

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. In: **Território**. Rio de Janeiro: Garamond – LAGET/UFRJ, 1997, n. 03, p. 77-85.

Disponível em: <http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/03_6_holzer.pdf>

Acessado em: 14-11-2012

KAERCHER, Nestor. Quando a escola não desperta o desejo de aprender ela nos rouba a alma: a necessidade de construir lugares e educar em lugares. In: GARRIDO, Marcelo. **La espesura del Lugar**. Universidad Academica de Humanismo, 2009, p.191-221.

_____. **O gato comeu a geografia crítica?** Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de geografia. In: PONTUSCHKA, N. N., OLIVEIRA, A. U. de (org), **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**, São Paulo, Contexto, 2002.

KANT. I. (1786) **Que significa orientar-se no pensamento?** Tradução: Artur MORÃO, LusoSofia: press, 2005.

Disponível em:

<http://www.lusosofia.net/textos/kant_que_significa_orientar_se_no_pensamento__1786_.pdf>

Acessado em: 09/2013.

LE SANN, J. G. **Elaborando um atlas municipal**. ed. Dimensão. Belo Horizonte, 1995.

_____. **Geografia no Ensino Fundamental I**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

_____. Dar o peixe ou ensinar a pescar? Do papel do atlas escolar no ensino fundamental. **Revista Geografia e Ensino**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 31-34, mar. 1997.

_____; ALMEIDA, R. D. **Cartografia na escola**: Atlas escolares.

Disponível em: <<http://tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/ce/tetxt4.htm>>

Acesso em: 30 fevereiro 2013.

LIMA, Idelsuite de Sousa. **Ensino de História Local e Currículo: ideias, dizeres e práticas no fazer educativo escolar.** João Pessoa, 2000. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal da Paraíba.

MARTINELLI, Marcelo. Dos mapas analíticos aos mapas de síntese nos atlas geográficos escolares: a passagem de um raciocínio para outro. In: **VII Colóquio de Cartografia para crianças e escolares**, Vitória (ES), Anais, 2011.

_____. **Curso de Cartografia Temática.** Contexto: São Paulo, 1991. 180p.

_____. **Um atlas geográfico escolar para o ensino-aprendizagem da realidade natural e social.** Portal da Cartografia, v.1, n.1, maio/ago, p.21, 2008.

Disponível em: ><http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/portalcartografia><

Acessado em: Jan/2014

MENDES; SOBRINHO, J.A.de C. (Org.) **Formação e práticas pedagógicas: diferentes contextos de análises.** Teresina: EDUFPI, 2007.

OLIVEIRA, L. de. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa.** São Paulo: IGEOG-USP, 1993. (Série Teses e Monografias, 32).

OLIVEIRA, A.R.; PIERSON, A. H. C. **A prática pedagógica e a cartografia escolar – o uso de atlas municipais escolares no ensino fundamental.** 4ª Jornada Científica. São Carlos. Anais... São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2001. Disponível em: <<http://www.propg.ufscar.br/publica/4jc/posgrad/resumos/0365-oliveira.htm>>. Acesso em 27 dez.2013.

PASSINI, Elsa Yasuko. **Alfabetização cartográfica e o livro didático: uma análise crítica.** Belo Horizonte, MG: Lê, p.9-4, 1994.

PASSINI, Elza Yasuko. **Alfabetização cartográfica?** In: Anais, Colóquio de Cartografia para crianças. Rio Claro/UNESP, 1995.

PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortes, 1999.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia.** São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. **A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Célia Regina Batista. **Desenvolvimento profissional de professores de Geografia: contribuições de um grupo de estudos sobre o ensino da localidade.** São Carlos, 2007b. Tese (Doutorado em Educação) – CECH, UFSCar.

SILVA; BUENO. **O espaço local como conteúdo de Geografia do Ensino fundamental I:** o currículo, a formação de educadores e a prática docente. Goiânia, Programa de Bolsas para as licenciaturas – UFG, (PROLICEN). 64 p. 2011.

SIMIELLI, Maria Elena. **Cartografia no ensino fundamental e médio.** In: CARLOS, A.F.A. (org) et all. *A Geografia na sala de aula.* 8ed. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. **Cartografia e ensino:** proposta e contraponto de uma obra didática. 1996. 178 f. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

SUERTEGARAY, D.M.A. **O que ensinar em Geografia (Física)?** In: Dirce Maria Antunes Suertegaray; Nelson Rego; Álvaro Heidrich. (Org.). *Geografia e Educação Geração de Ambiências.* 1 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000, v., p. 97-106.

TARDIF, Maurice. Os professores enquanto sujeitos do conhecimento: subjetividade, prática e saberes do magistério. In: CANDAU, V. Maria (org.). **Didática, currículo e saberes escolares,** 2ª Ed. Petrópolis, RJ:DP&A, 2002.

TIMBÓ, André. **Hoje é dia de Geografia:** 4º ano. (Coleção hoje é dia de Geografia). 2º ed: Positivo: Curitiba, 2011.

_____. **Hoje é dia de Geografia:** 5º ano. (Coleção hoje é dia de Geografia). 2º ed: Positivo: Curitiba, 2011.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

ANEXOS

ANEXO I

QUESTIONÁRIO DE SONDAAGEM

SONDAGEM PRELIMINAR

1. Nome: _____

2. Local onde mora
(bairro/cidade/estado): _____

3. Local de nascimento:

na cidade de Trindade

no município de Trindade (na zona rural, em distritos etc.).

Explicitar: _____

na cidade de Goiânia

em Goiás outra cidade de Goiás. Qual? _____

Outros locais: Cidade _____ Estado: _____

4. Caso não tenha nascido em Trindade, há quanto mora na cidade?(indicar anos e meses, aproximadamente)

5. Caso não tenha nascido em Trindade, por que veio para cá?

Acompanhar os pais / marido / filhos cursar o magistério

Fazer cursos. Quais: _____

Cursar a universidade trabalhar

Outros. Quais? _____

6. Você gosta de morar em Trindade?

Sim não às vezes

Porque?

7. Qual a sua formação? (Pode assinalar mais de uma resposta)

Magistério Licenciatura em Pedagogia licenciatura em Geografia outra licenciatura

Qual? _____

Outro curso de graduação.

Qual: _____

8. Com relação ao curso que lhe permite exercer a docência em Geografia nessas séries em que atua, é formado(a) há quantos anos? E por qual instituição? _____

9. Há quanto tempo é professor (a)?

- há menos de 2 anos há menos de 5 anos
 há mais de 5 anos há mais de 10 anos há mais de 20 anos

10. Há quanto tempo ensina a disciplina Geografia?

- há menos de 2 anos há menos de 5 anos
 há mais de 5 anos há mais de 10 anos há mais de 20 anos.

11. Há quanto tempo leciona nessa escola?

- há menos de 5 anos há mais de 05 anos
 há mais de 10 anos há mais de 20 anos

12. Em quais anos leciona essa disciplina nessa escola?

13. Por que escolheu ensinar Geografia?

- Por que fez licenciatura nessa área por que não tinha outra opção
 Por que é mais fácil por que gosta da disciplina
 Outros motivos. Quais? _____

14. Em sua opinião, qual a importância da Geografia na formação dos seus alunos?

15. Em sua opinião, quais os conteúdos mais importantes a serem abordados no ensino da Geografia de 2° à 5° ano? Especifique, rapidamente, por série:

2° ano _____

3° ano _____

4° ano _____

5° ano _____

16. Você costuma abordar o espaço local em suas aulas de Geografia de 2° à 5° ano?

- sim não
 às vezes outras. Por que?

17. Ao cursar o magistério ou licenciatura você estudou e aprendeu sobre a cidade de Trindade (ou na qual a instituição estava sediada, ou a cidade onde mora etc) e formas de se trabalhar com o espaço local em suas aulas?

18. Caso você aborde o espaço local (Trindade) em suas aulas de Geografia, por que faz isso, como faz e quais suas principais fontes para a preparação das aulas?

19. Os conhecimentos que tem sobre Trindade lhe permitem abordar esse conteúdo em suas aulas a contento? Em caso afirmativo, como, onde, quando e com quem os adquiriu?

Não.

Por que? _____

Sim. Como, onde, quando e com quem os adquiriu:

20. Caso você aborde esse conteúdo nas aulas de Geografia, em quais séries dá maior enfoque? Por que?

21. Na sua opinião, qual a importância de estudar a localidade?

22. Que aspectos da cidade você dá mais ênfase durante o ensino? Por que?

23. Quais as maiores dificuldades enfrentadas no ensino desse conteúdo?

24. Costuma freqüentar cursos de atualização / capacitação profissional docente?

Sim não às vezes

Por que? _____

25. Alguns dos cursos de que já participou enfocou o estudo / o ensino da localidade (Trindade)?

Sim não

A que atribui essa presença ou ausência?

26. Você estaria disposto(a) a participar de um grupo para a construção do Atlas de Trindade com outros professores de Geografia?

Sim não talvez.

Por que? _____

25. Em caso afirmativo, quais aspectos sobre Trindade e sobre o ensino desse conteúdo você gostaria que fosse inserido no material?

27. O que você pensa e sente sobre a cidade de Trindade? Qual o significado da cidade para você? (RESPONDER NO VERSO DA FOLHA)

28. Que disponibilidade de horários por semana teria para se dedicar às atividades do atlas?

2 horas

4 horas

6 horas

8 horas

Telefone para contato ou endereço:

ANEXO II



QUESTIONÁRIO SOBRE O ATLAS ESCOLAR MUNICIPAL DE TRINDADE

- 1) Nome:
- 2) O Atlas Escolar Municipal de Trindade permitiu que você conhecesse melhor o município que mora/trabalha? Por que?
- 3) Você adquiriu algum novo conhecimento relacionado ao município a partir da elaboração e uso do material (Atlas Escolar Municipal de Trindade)?
- 4) Em que sentido a sua prática em sala de aula mudou com o uso do material (Atlas Escolar Municipal de Trindade)?
- 5) Quais as maiores dificuldades encontradas em trabalhar o Atlas Escolar Municipal de Trindade?
- 6) As aulas de Geografia ficaram mais significativas e interessantes para você como professora? E para os alunos? (baseando-se nas observações da turma)
- 7) Qual o(s) aspecto(s) de maior relevância que você destaca para a formação de seus alunos no estudo do município presente no Atlas Escolar Municipal de Trindade?
- 8) Quais as pranchas (temas) do Atlas Escolar Municipal de Trindade que já foram abordados nas suas aulas de Geografia?
- 9) Como você avalia sua participação na construção do Atlas Escolar Municipal de Trindade?

Escreva as considerações finais sobre a contribuição do Atlas Escolar Municipal de Trindade para a sua formação docente.